D/C7
TC
3
09

A. de C.

A E.S.A.

ANO II — Nº. 2

DEZEMBRO DE 1950

TRÊS CORAÇÕES

MINAS GERAIS - BRASIL

BIBLIOTECA DA EsSA

Classificação:
Cutter:
Registro:
Exemplar:
Volume:

BIBLIOTECA DA EsSA

Revista "A E. S. A."

Diretor Geral:

1.° Ten. Ivanildo Andrade de Oliveira

Diretor Secretário:

Sgto. Taes Borges de Oliveira

Diretor Gerente:

Sgto. Amacílio C. de Freitas

Redatores:

Infantaria:

Sgto. Mario Soares Costa

Cavalaria:

Sgto. Demétrio Ferreira

Artilharia:

Sgto. Lindinalvo Alexandrino de Almeida

Engenharia:

Sgto. Hilton Costa de Vargas

O SARGENTO DO EXÉRCITO

Pelo Cel. Lage SAYÃO
CMT. DA E. S. A.

POR uma feliz inspiração do saudoso General Gustavo Cordeiro de Farias, então Diretor de Ensino do Exército, foi em 1945, criado e posto em funcionamento, com grande entusiasmo, o Atual Centro de Aperfeiçoamento e Especialização do Realengo.

Dele fazia parte integrante, como um de seus principais estabelecimentos de instrução, a Escola de Sargentos das Armas, destinada inicialmente ao aperfeiçoamento e, em seguida, a formar e aperfeiçoar sargentos para os corpos de tropa, colocando-os no mesmo nível de preparo profissional.

Tem a E.S.A. cumprido, desde então, com ardor, e eficiência, a sua árdua tarefa, fornecendo ao Exército turmas de sargentos das quatro Armas formados ou aperfeiçoados, com preparo intelectual, físico e moral perfeitamente enquadrados nas exigências de um Exército moderno, todos convictos de suas responsabilidades.

O Comando da Escola e as autoridades superiores, destacadamente os Exmos. Srs. Gens. Cmt. do C.A.E.R. até bem pouco tempo, Diretor do Ensino do Exército e Ministro da Guerra não têm poupado esforços no sentido de dota-la do aparelhamento adequado e de instalações dignas de uma Escola principalmente de formação de sargentos, dando-lhe sempre, além de tudo, um apôio moral de grande valia.

Dentro das idéias acima, foi a Escola há pouco tempo transferida para o quartel do antigo 4.º R.C.D., em Três Corações, no Sul de Minas, onde estão sendo ultimados os preparativo para seu cabal funcionamento, numa instalação condizente.

Feito êste pequeno histórico, podemos alcançar o nosso objetivo na presente notícia que é salientar a necessidade de possuir o sargento um valor moral à altura de um Exército pujante. O sargento oriundo da nossa Escola, pela seleção de matrícula, sua juventude, porte militar e entusiasmo, tem dado motivo às referências mais lisongeiras e proporcionado grande júbilo ao Comando da Escola e quantos nela servem, em face das inúmeras informações positivas que tem recebido de seu preparo e atitude, umas espontâneas e outras provocadas pela Escola, para melhor preencher suas funções precípuas.

A direção da Escola tem sempre levado em consideração todas as sugestões verbais e escritas, e não tem poupado esforços no sentido de apresentá-la como um modêlo, padrão a ser imitado e orgulho de todos os seus componentes, oficiais, subtenentes, sargentos, alunos e demais elementos.

A sua nova e rápida instalação em Três Corações, fornece um salutar exemplo de como são executadas as diferentes ordens dos escalões superiores por todos os seus elementos, e a impressão causada em um centro social como é Três Corações, dão provas palpáveis do carinho com que são tratados os seus alunos e soldados.

Dentre os inúmeros cuidados a ter na formação do sargento, ressaltam os referentes à sua preparação psicológica, mental e moral, não só como aluno durante o Curso, mas, também, o que é essencial e principal, no que diz respeito à sua atuação futura em ambiente novo, como comandante de fáto de fração de tropa e instrutor, exemplo vivo que deve ser, após ingressar nas diferentes unidades do Exército Nacional, de educação cívica, técnica, profissional e disciplinar.

Êste objetivo tem sido atingido, não só devido a uma sólida e intensiva instrução durante o Curso, com palestras, consêlhos exem-

plos etc. como também pelo entendimento e orientação que a Escola procura estabelecer com Cmts. de Corpos, visando o modo como devem receber os novos sargentos, de sorte a deles obter o maior rendimento e bem encaminhá-los para um futuro promissor.

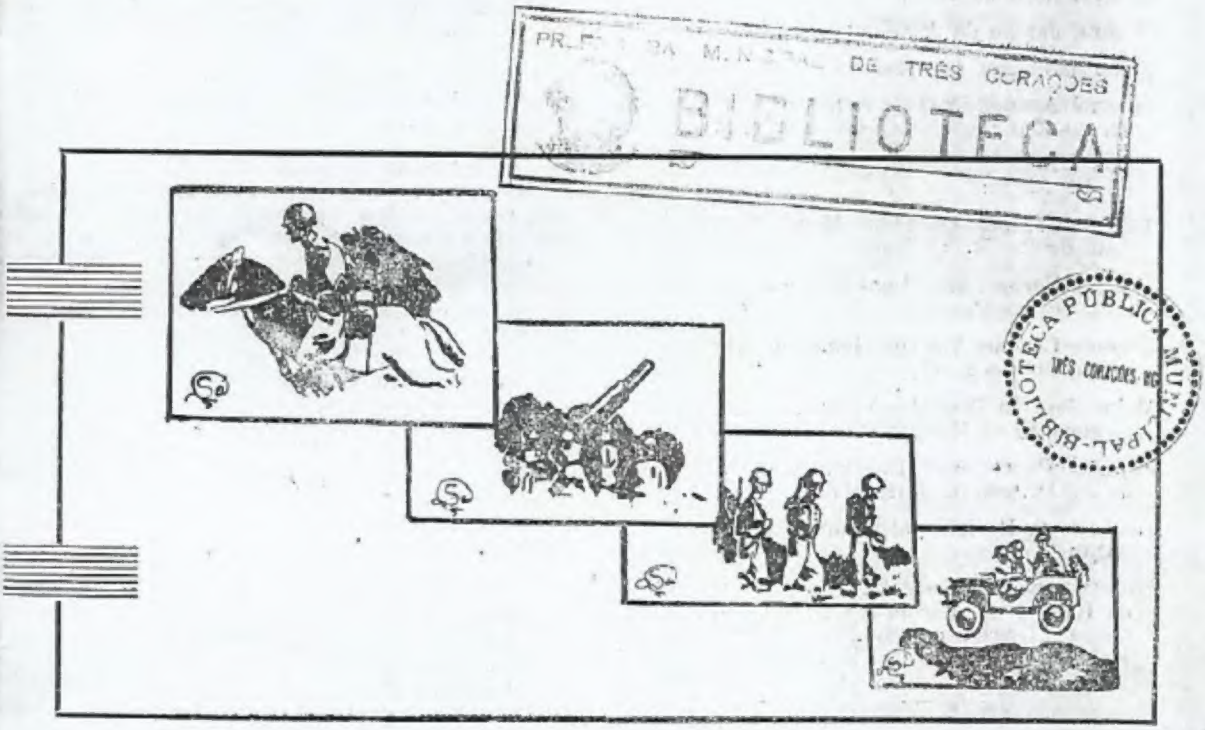
É de notar que, por mais que a Escola procure se assemelhar a um Corpo de tropa, pelas suas tendências naturais de estabelecimento de ensino, é impossível uma semelhança perfeita. E, assim sendo, é preciso convir que o sargento recem formado, como acontece em tôdas as atividades humanas, ainda se ressentirá de certa falta de prática funcional que será adquirida gradativamente em pleno exercício diário de suas atribuições, desde que seja convenientemente guiado. O Corpo de Tropa é a verdadeira escola pràtica por excelência, de execução simples, mas demandando conciência e inteligência. Os comandantes de Unidades, pois, devem ter um carinho especial em bem receber, impressionar e encaminhar os novos sargentos. O que se passa com os jovens sargentos também acontece, guardadas as devidas proporções, com os aspirantes em suas diferentes atividades profissionais quando recem chegados na tropa.

Com o fim de tornar o jovem sargento cem por cento eficiente, dar-lhe principalmente uma moral capaz de fortalecer-lhe o entusiasmo e permitir-lhe enfrentar as dificuldades da vida da caserna, e ainda, trazer-lhe sempre na memória a lembrança de seguir um caminho réto, honesto, e recordar-lhe constantemente a responsabilidade assumida consigo mesmo ao ingressar no quadro de Sargentos do Exército, foi elaborado um compromisso, aprovado pelo Exmo. Sr. Gen. Ministro da Guerra para servir como marco inicial de sua vida profissional e, pela primeira vez pronunciado, em Realengo, em Dezembro de 1949, com extraordinário vigor e convicção, pela turma de sargentos formados e aperfeiçoados pela Escola nesse ano, perante as autoridades e convidados presentes à solenidade de fim de Curso e entrega dos respectivos diplomas, cujo teor é o seguinte:

"Ao receber o diploma do curso da ESCOLA DE SARGENTOS DAS ARMAS, confirmo o meu compromisso à BANDEIRA NACIONAL, e, pela minha honra, prometo exercer, com lealdade e zêlo as funções de auxiliar do Oficial e modêlo do Soldado, tudo pela crescente eficiência do EXÉRCITO, pela ordem, segurança e grandeza do BRASIL".

Sargentos do Exército Brasileiro!

Jovens, antigos, e dos diferentes postos, meditai sôbre o que há de sublime nesse compromisso e tomai a peito o seu fiel cumprimento, expressão máxima que significa o valor do Sargento, no eficiente, patriótico, democrata e glorioso EXÉRCITO NACIONAL!



PREFEITURA MUNICIPAL DE TRÊS CORAÇÕES BIBLIOTECA
BIBLIOTECA PÚBLICA MUNICIPAL TRÊS CORAÇÕES

Como foi aceita a revista "A E. S. A."

Não só no âmbito da Escola de Sargentos das Armas a nossa revista foi bem aceita.

Muito nos alegramos em saber que essa Revista despertou bastante interêsse fora da Escola.

Temos em nosso poder diversas referências escritas com sinceridade por autoridades não só militares como civís elogiando o primeiro número "d' A E. S. A.".

Tornamos público os nomes destas autoridades e agradecemo-lhes pela espontaneidade de suas palavras e esperamos que êste segundo número seja aceito como foi o primeiro.

Dr. Manoel Maria Paiva Vilhena, Juiz de Direito de Três Corações;

General Segadas;

General Alencar Araripe;

General Teixeira Lott;

General Odílio Denys;

General Estillac Leal;

General Jayme de Almeida;

General Nicanor de Souza;

Coronel Agenor Brayner Nunes da Silva, do 12.o Regimento de Infantaria;

Coronel Nelson Rebelo de Queirós, da E. P. S. P.;

Tenente-Coronel Oswaldo Mena Barreto, do 3.o R. C. Mot.;

Tenente-Coronel Ary Hugo Brígido Correia, do 6.o Ram/75;

Tenente-Coronel Valério Gomes de Lacerda, do 4.o R. C.;

Major Serafim Dorneles Vargas, do 2.o Regimento de Cavalaria;

Capitão Padre José Busato, do Q. G. da 3.a Divisão de Infantaria;

1.o Tenente Dario Jayet Ramos, do Q. G. AD/6;

Cadete Oswaldo Eneas Gissoni, Diretor da Revista da Escola Militar de Rezende e Gremio dos Sub-Tens. e Sargentos da 12 a Cia. de Transmissões

Uma opinião sincera

Referindo-se ao primeiro número da nossa Revista, o 2.o Sargento MILTON LINZMEYER, escreveu ao Diretor Geral da Revista "A E. S. A." uma carta expressando sua opinião, a qual transcrevemos abaixo:

Curitiba, 26 de setembro de 1950.
Diretor Geral da Revista "A E. S. A."

Senhor

Vi, pela vez primeira, uma revista organizada no seio de meus pares. Pelo seu número de apresentação pude notar tratar-se de um órgão exemplar e que pode e deve ser indicado a todos que têm vontade e capricho de aprender sempre mais.

Ela não só liga seus leitores aos assuntos peculiares à vida militar, como também trata de outros assuntos, com o mesmo cuidado e esmêro.

É de um papel bom, com fotografias nítidas, artigos bem distribuidos e variados, em suma, é atrativa em tôdas suas partes. A impressão é ótima.

Os artigos de fundo, bem ordenados, não cansam o leitor e, para amenizar o pêso de uma leitura, tem seus lindos quadros humorísticos - cousa imprescindível na nossa rotina quotidiana de labores, como lenitivo para o nosso espírito.

O número de apresentação, creio que não terá crítica senão a de elogios, mesmo olhado por elementos peritos nesse assunto, pois, nenhum de seus pontos são falhos, isto porque, quem a idealizou, teve uma visão perfeita e ampla de seu conteúdo e soube organizar as suas diversas secções.

Não é só isso, ela lançou uma equipe de cronistas nova, voluntária e virtuosa, que logo terá projeção no cenário literário, que cada um que a integra poderá concorrer com sua sabedoria e tirocinio em jornais, revistas e mesmo em livros. Livros - e porque não? Pois, quem tem a afinidade para escrever um artigo de dez linhas, com o tempo, exercício e experiência, terá para um artigo de cem linhas e assim, os de faculdade e dom mais avantajados, terão para um livro todo.

E êsses novos valores intelectuais, que enquanto descansam ou divertem-se os demais companheiros seus, ficam trabalhando para a Revista, afim de elevar mais ainda o conceito e o nome da "E. S. A.".

Só tenho a lamentar uma cousa - não poder tomar parte ativa nessa Revista, conviver num centro que é todo trabalho, atividade, lealdade e companheirismo

Fiquei encantado com tal emprêsa e faço votos pela sua continuidade e prosperidade.

Por essas razões é que tomei a liberdade de dirigir-me a V. S.

Para finalizar, peço a V. S. consignar-me como assinante dêsse já conceituado órgão e enviar-me instruções a respeito.

Sem mais em particular, despede-se mui respeitosamente, seu subordinado

Milton Linzmeyer.

Milton Linzmeyer
2.o Sargento
Q. G. da A. D. /5ª.
Curitiba - Paraná

O Estudante e a Educação Física

Pelo CAP. GERMANO ZENKNER
Chefe do D. Ed. Fis.

AOS poucos vai a Educação Física ocupando o lugar que lhe compete nas Escolas e Academias. Já vai passando o tempo em que os amantes da cultura física eram olhados com menos importância e, nas escolas, considerados como os maus alunos. Nesses infelizes tempos o estudante era levado, por força das circunstâncias, a procurar nos esportes o que não conseguia nas ciencias, um lugar de destaque, uma situação em que ele pudesse aparecer Dedicava-se então, inteiramente, à prática dos trabalhos físicos, visando com isso procurar uma situa-

ção de equilibrio com o seu colega que, contentando-se unicamente com os estudos teóricos, aparecia como melhor aluno. Felizmente já conseguimos vencer essa época, para nós ainda recente, e, hoje, são numerosos os grandes homens que, em países mais adiantados, nos dão o exemplo conquistando, na sua vida escolar, grandes triunfos tambem nos esportes, algumas vezes, de repercussão internacional.

Existem homens que primeiro foram conhecidos atravez de sua atuação como esportistas. Cedo compreenderam esses indivíduos a sublime verdade: «Mens sana in corpore sano». Hoje já é doutrina incontestável que o desenvolvimento intelectual deve ser feito ao mesmo tempo que o desenvolvimento físico. Eles se completam e nenhum pode progredir sem o outro. As nações virís não conseguem se formar senão pela cultura paralela e recíproca do corpo e do espírito, que não se podem, absolutamente, desquitar, senão para gerar anomalias e monstros. Disse o Conselheiro Rodolfo Dantas que «sem um sangue forte, uma bôa musculatura e um sistema nervoso bem equilibrado, não é possivel pensar sã, regular e intensamente».

O estudante, mocidade de hoje, que amanhã dirigirá a Nação, não deve passar pelos bancos escolares considerando a Educação Física como um sacrifício para o corpo, mas sim, como um meio de saúde. Abandonemos de vez a idéia de que os trabalhos físicos são próprios dos que não querem estudar. Mostremos a esses inconscientes que a prática metódica e racional da Educação Física traz inúmeros benefícios ao organismo e que se torna um estímulo aos estudos e, pelos seus efeitos fisiológicos, e morfológicos, desentoxica o organismo, melhora a respiração e a circulação, aumenta o apetite, promove sono reparador, evita a constipação e, na mulher, facilita os trabalhos do parto, abre os pôros à transpiração, aumenta a eficiencia do sistema nervoso, aumenta a reserva de força, aumenta a resistencia à fadiga, desenvolve a aptidão para o trabalho e equilibra a atividade mental. Os ossos tornam-se mais resistentes e adquirem volumes em formas proporcionais. Os músculos adquirem maior volume, rigidez, tenacidade e beleza. As articulações adquirem maior amplitude e resistência. A pele torna-se mais aveludada e lisa. O corpo apresenta mais harmonia de formas e proporções bem definidas, bôa postura, uma estatura bem desenvolvida

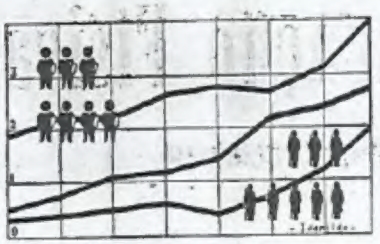
Não se pode negar a existencia de inteligencias superiores aliadas a corpos débeis, a organismos franzinos e anêmicos. Quanto não custa porem a esses desventurados a aplicação laboriosa da inteligência às altas produções mentais! Com que sacrifícios físicos e dispendio de energias eles cumprem as missões que lhes cabem devido às circunstancias especiais de suas inteligências!

Em qualquer das profissões que ingressem haverá sempre o suplício de um organismo sem reservas e resistencias necessárias, carregando e obedecendo a uma inteligência brilhante. E será por ventura sadio, normal, impunemente intenso o uso de uma função cujo exercício impõe descontos como esses que vitimam, afligem, torturam antes do tempo os condenados ao privilégio brilhante, sedutor, mas fatal, de uma grande inteligencia, supliciada num corpo incapaz de reparar as perdas cerebrais inerentes à atividade extraordinária das grandes mentalidades?

Por ventura semelhantes indivíduos não produziriam mais si, aliado a tão elevada inteligencia, possuissem um físico igualmente desenvolvido?

Si analisarmos o caso do estudante que diz não suportar, ter aversão à Educação Física, nós poderemos chegar, quasi sempre, a um mesmo resultado: a aversão do estudante nada mais é que a falta de energia para vencer a resistencia natural do corpo. Sim, porque o corpo prefere mais uma situação cômoda do que um regime de trabalho. É muito mais fácil ficar-se na comodidade de uma cadeira do que correr numa pista, do que suar num campo. Felizes seremos quando a Educação Física for considerada como ciencia ou arte nacional. Aí então poderemos ter uma Nação mais forte e uma raça mais aprimorada.

D. Le 1011 EsSA



A E.S.A. em números

Para que nossos leitores amigos fiquem com uma idéia geral das atividades da Escola de Sargentos das Armas desde sua fundação no Realengo, até hoje, em Três Corações, damos, linhas abaixo, em dados estatísticos, uma ligeira notícia dos «Candidatos à E.S.A.», dos «Alunos Matriculados» e, finalmente, dos «Sargentos Formados e Aperfeiçoados» pela Escola e distribuídos às Unidades.

CANDIDATOS À E. S. A.

1946 = 922
1947 = 951 (1a. Turma)
1947 = 1296 (2a. Turma)
1948 = 1120
1949 = 2163
1950 = 2411
1951 = 2070

ALUNOS MATRICULADOS

1946 = 281
1947 = 467 (1a. Turma)
1947 = 499 (2a. Turma)
1948 = 531
1949 = 506
1950 = 428

SARGENTOS FORMADOS NAS DIVERSAS ARMAS

Infantaria	Cavalaria	Artilharia	Engenharia
1946 = 69	19	29	19
1947 = 74 (1a. Turma)	37 (1a. Turma)	23 (1a. Turma)	18 (1a. Turma)
1947 = 87 (2a. Turma)	30 (2a. Turma)	39 (2a. Turma)	66 (2a. Turma)
1948 = 69	19	36	71
1949 = 259	31	48	88
1950 = 52	135	60	49

SARGENTOS APERFEIÇOADOS

Infantaria	Cavalaria	Artilharia	Engenharia
1946 = 62	16	23	12
1947 = 66 (1a. Turma)	22 (1a. Turma)	12 (1a. Turma)	11 (1a. Turma)
1947 = 80 (2a. Turma)	18 (2a. Turma)	26 (2a. Turma)	59 (2a. Turma)
1948 = 62	11	28	59
1949 = 217	28	41	73
1950 = 64	90	54	49

Quantos somos e donde viemos

Escreveu o Maj. Vet.
Teodorico Moura Costa

SARGENTO!...
MAIS UM DEVER NA TUA VIDA

FOI o coroamento do ano letivo da E. S. A., em 1949, pródigo de ensinamentos, repleto de emoções patrióticas, vendo-se um grupo de jovens esperançosos, transbordante de vitalidade, de energia e decisão - posto que a assistencia técnica militar lhes havia garantido um funcionamento perfeito de organismo - cheios de confiança em um futuro promissor que bem o merecem. Com justificado orgulho vimos esta mocidade em ação na campanha, o olhar aferido aos goniômetros, às bússolas, aos teodolitos, aos telêmetros; o pulso firme no traçado das curvas sinuosas das montanhas, no delineamento dos horizontes distantes, no serpentear caprichoso dos regatos, no contôrno dos lagos, dos acidentes mais comesinhos de ordem militar, na localisação de pontos do terreno onde um provavel inimigo da Pátria estaria de armas em riste, ameaçando a sua segurança, a sua soberania e, quiçá, as suas tradições mais sagradas; na construção afanosa das pontes; no lançamento de minas - engenhos de destruição e de morte - na «terra de ninguem» que se desenrolava à sua frente e à frente do inimigo; na confecção de mapas e croquis que, alem de facilitar o trabalho de organisação da frente, viessem reconstituir, nos gabinetes, um quadro de realismo inatacavel de como se desenrolara a luta.

Foi alí, nas margens do Rio Guandú, que um punhado de jovens récem-iniciados na arte da guerra, promoveu, sob as vistas dos seus dedicados chefes e instrutores, todos os trabalhos que antecedem um combate real: executaram-se os necessários levantamentos, mediram-se ângulos, calcularam-se as distancias, localisaram-se os objétivos, escolheram-se os projéteis adequados à refrega e regularam-se as diversas armas realisando um perfeito enquadramento dos objetivos mais variados.

Mas aqueles jovens foram alem: entraram em efi-

BIBLIOTECA DA EsSA

cácia com uma preficiência de velhos lidadores nos campos de luta, onde a vitória sorri apenas aos decididos, aos abnegados, aos homens que, diante dos imperativos do dever, souberam, em tempo de paz, treinar as suas emoções, cultivar a inteligencia no labor incansavel de cada dia, na obediencia imutavel do DEVER.

Desejamos todos que o Brasil, nação jovem e promissôra, atinja a sua maturidade, o lugar de destaque e respeito a que faz júz no seio das demais nações do mundo, sem nunca ter necessidade de recorrer às armas para fazer valer os seus direitos, as suas prerrogativas de nação soberana e livre.

Mas se o destino, um dia, nos levar ao campo de batalha - estou certo - em cada um daqueles jovens terá o Brasil um escudo, um baluarte, na repulsa de um desrespeito, na desforra de um insulto, no revide de uma afronta.

Temos disso certeza pelas inconfundiveis provas que aqueles jovens apresentaram aos nossos olhos naquela manhã chuvosa nos campos de JAPERI, quando as figuradas tropas inimigas de Leste disputavam com eles a posse de supostas elevações dominantes, para a ambicionada penetração no território cuja defesa lhes fôra atribuida.

Foi, então, que das suas fileiras e sob o seu próprio labor, cada um daqueles futuros sargentos preencheu cabalmente a sua missão e, como que manejados por veteranos guerreiros, os petrechos de guerra das QUATRO ARMAS fizeram ouvir sua sinistra melodia.

Aqueles moços haviam completado com galhardia o curso da ESCOLA DE SARGENTOS DAS ARMAS, tão bem orientada pelo comando do Coronel Miguel Lage Sayão, e estavam prontos a se apresentar triunfantes na Caserna onde, certamente, seriam modêlos para outros camaradas que não tiveram a ventura de se submeterem às mesmas provas: haviam, com eficiência, conquistado as sonhadas divisas de Sargento.

O tempo, porem, que tudo destrói, vai apagando inexoravelmente em nossa memória os conhecimentos mais caros, as visões mais nítidas, desde que a nossa força de vontade não nos imponha o trabalho de vigilância constante, de repetição mental dos citados conhecimentos - até que todos eles sejam sombras imperceptiveis, vislumbres de conhecimentos que se desvanecem...

Diante dessa fatalidade humana, dessa contingência que escapa aos desavisados, a dedicação aos ensinamentos adquiridos na E.S.A. e o seu renovamento ou atualisação com os progressos da guerra moderna - SARGENTO!... É MAIS UM DEVER NA TUA VIDA.

O PROFESSOR DE SUICIDIO

Nos seus primitivos tacteios em busca da verdade, os filósofos gregos embrenharam-se em curiosos desvios de especulação. Um dêsses filósofos, Hegesias, chegou à convicção de que a vida era um engano trágico e que todos os homens o melhor que tinham a fazer era morrer. Em consequência dedicou toda a sua vida à pregação do ideal da morte. Organizou numerosos clubes de suicidas e induziu muitos rapazes ao suicídio. Quanto a êle mesmo, viveu até a bem madura idade de oitenta anos. Quando lhe perguntavam porque êle próprio não praticava o que pregava, dava uma resposta bem lógica. "Sou a única pessoa na Grécia que pode induzir os jovens ao suicídio. Se eu morrer, não haverá ninguém que me tome o lugar. E', pois, meu dever penoso viver, afim de poder ensinar aos outros o prazer delicioso da morte".

Praia da Redinha

Pelo Aluno José de Araújo

Á direita da barra do porto de Natal, e ao noroeste da capital potiguar, a praia da Rêdinha, entre cômoros alvacentos, é a práia soberba, que representa, na sua simplicidade, a tradição mais perfeita da feição praeira que caracteriza o nosso Estado, como lugar pitoresco dos mais belos recantos brasileiros.

Desde épocas remótas, praeiros humildes que lançavam ao mar o alvo aceno dos veleiros felizes, buscando, nos perigos do mar, o sustento da vida, as morenas praeiras que alongavam os olhares á distância em que as jangadas singravam heroicamente á mercê das ondas, as esperanças benditas, quantas glorias e quantas ilusões ficaram dormindo á sombra dos cajueiros evocativos, que hoje contemplamos com a significação saudosa dos dias passados!... Hoje, a Rêdinha, lugar pitoresco onde se concentra a fina flôr da geração moderna, buscando, num simples banho de mar, a contemplação leviana das ondas em marulho e das areias fangidas pelos ventos mais ligeiros, não representa senão, um recanto afavel, onde os corações se expandem e os namorados trocam as palestras gentis com que dão vasa aos sentimentos singelos.

Entretanto, a Rêdinha, como diversos lugares de nossa terra, não significa apenas um lugar de distração, mas um recanto onde há alma de eleição, isto é, o espírito cheio de luz e inspiração, vai buscar para o presente as alegrias do passado, as belezas já vividas, para o regalo das suas benditas emoções.

ALFAIATARIA DA E.S.A.
de Miguel José Dau
Alfaiataria Civil e Militar
Artigos para Homens - Especialidades em Casemiras - Linhos Estrangeiros e Nacionais a preços modicos - Vendas a dinheiro e a Credito
Tres Corações — Minas

O SERVIÇO SOCIAL no EXÉRCITO

Pe. José Busato
(Capelão Militar)

POR ocasião da inauguração dos cursos da Escola do Serviço Social da Universidade Católica, no Rio, um dos oradores, explicando os objetivos do referido curso, afirmou que o mesmo corresponde a uma das exigencias mais urgentes e importantes dos nossos dias e que, por isso mesmo, vai-se desenvolvendo, entre nós, com uma rapidez auspiciosa e consoladora. Seu objetivo é agir, de um lado sobre a sociedade e as instituições para que ofereçam aos indivíduos um ambiente favoravel à expansão da vida, de outro, auxiliar os indivíduos que sofrem para readaptá-los, quanto possivel, às condições normais da existência, restituindo-lhes a eficiência do trabalho e a alegria de viver.

Quem desempenha o papel de «Assistente social» defronta com um vasto campo de ação. O seu raio de atividades abrange as instituições de assistência e de previdência sociais.

Em muitos lugares do Brasil, Prefeituras, Institutos de Educação e de reeducação (escolas, asilos, patronatos), organisações profissionais (sindicatos, mútuas), conjuntos residenciais, centros familiares, colônias de férias, são dotados do Serviço de Assistência Social.

Um dia, quando me encontrava no Rio, onde desempenhei o cargo de assistente eclesiástico geral da União Católica dos Militares, cuja diretoria era constituida pelos generais Juarez Távora, Fernando Távora, José Bina Machado e outros oficiais do Exército, abordei o assunto numa das sessões daquela entidade.

O General Távora, após ouvir a minha exposição, comunicou que nas Forças Armadas do Chile o Serviço Social era um fato, o que pôde ele presenciar quando lá esteve.

E que pretende tal organisação? Seria possivel em nosso Exército?

Para aquilatarmos o que seja essa agremiação, de real valor para essa grande e imensa classe do Exército, as praças graduadas ou não graduadas, vamos trazer para estas colunas a opinião de um capelão militar chileno, o Padre Júlio Ramirez. Oxalá se estabeleça entre nós por quem de direito similar instituição.

A razão principal desse Serviço Social reside no seguinte: o militar, de qualquer categoria ou gráu que seja, tudo entrega à Pátria, mediante a corporação em que serve: o Exército. Suas atividades intelectuais, seu tempo, sua saúde, e, tantas vezes, a vida.

Por isso, o Exército deve corresponder a tanta abnegação, zelando para que tão modesto servidor cumpra seu dever para com a familia e coopere eficazmente em remediar as deficiências que se apresentam. É um dever de justiça.

À praça graduada está afeto um trabalho intenso, de todas as horas do dia.

O lar, a familia e os afazeres de chefe passam para o plano secundário, já que o Regimento, Repartição, a Unidade militar, enfim, absorve totalmente suas atividades. E para que o militar cumpra seus deveres tranquilamente na caserna, se estabeleceu, em muitas nações, o Serviço Social de cooperação familiar.

Quem ouve a palavra de um amigo, aceita um conselho mais acertado, recolhe uma palavra prudente e confortante, um auxilio eficaz

numa crise, está sereno e pode se entregar ás suas ocupações cotidianas, com todo o seu ser, já que não o atormenta nenhuma inquietação.

A mais acertada definição do Serviço Social, ou Bem-Estar Social, é a do Dr. Joanon, quando disse: É a utilisação ajuizada e abnegada dos meios preventivos e medicas para lutar contra grande número de males sociais. Estes meios de lutas constituem o «Armamento Social». Utilisação dos preventivos, quer dizer não só curar o mal, mas, de certo modo, *prevenir*, adiantar-se à sua vinda, apresentar-lhe batalha previamente. Quando um menino é raquítico, com uma fisionomia triste, quer dizer que é preciso fortifica-lo, antes que venha a tuberculose.

Duas qualidades fundamentais se requerem para a pessôa que exerce este ofício de levar para a família um bem-estar elementar: prudência e abnegação.

Prudência daquele que vai entrar na sagrada intimidade da família, colher muitas chagas e suavizar, com palavras de confôrto, uma ferida oculta. Abnegação que é a entrega de si mesmo para servir os demais, já que este serviço é uma espécie de sacerdócio ou apostolado social.

Os meios preventivos ou medicinais são os que se antecipam, cercando o paciente de cuidados, precavendo perigos remotos ou próximos.

Os meios que vão remediar o mal se denominam o «Armamento Social». Trata-se de lutar contra um inimigo, tantas vezes mortífero e hipócrita.

E para combater é necessário tambem um armamento moral. Nos lares se apresentam problemas de toda ordem; às vezes problemas gravissimos, que devem ser resolvidos rapidamente: incompreensões, desarmonias, vícios ocultos e terriveis. Neste caso a «Visitadora», pessôa encarregada pelo Exército para proteger e auxiliar esse lar, entraria em função.

A Visitadora Social, com seus estudos, sua formação especialisada, com sua cautela e prudencia, exerceria, agora, um papel preponderante e benemérito.

No lar se formam, crescem e se desenvolvem os filhos, a sementeira preciosa da Pátria. Necessitam de um conselho que coopere, junto com os pais, na obra da educação. Muita vez a mãe é inexperiente e precisa de ajuda de uma pessôa tecnica e abnegada, que preste, com absoluto desinteresse próprio, um auxilio oportuno. Essa é a missão sagrada que realiza a Visitadora Social. É uma irmã maior, serena, que conhece o meio social em que vai atuar e que põe nisso toda sua alma.

O campo social é imenso: abarca a economia, a higiene, a educação, a moral e até o caminho que essa sociedade doméstica vai tomar no futuro.

E aí ficam estas linhas para os estudiosos dos problemas sociais do nosso Exército.

Santa Maria, R. G. S., 1950

CIA. SUL MINEIRA DE ELETRICIDADE

Empreza Mineira com Diretores e Capitais Brasileiros

Séde: Avenida Rio Branco, 257 — 12.º andar — Telefs.: 22-5448 - 42-5802 - 42-0741 — **Rio de Janeiro**

Concessionaria dos serviços publicos de força e luz dos seguintes Municipios e Localidades:

Alfenas, Andrelandia, Arantes, Bom Jardim, Brazópolis, Cachoeiras, Caiana, Cambuquira, Campanha, Campos do Jordão, Careassú, Carmo da Cachoeira, Conceição da Pedra, Conceição do Rio Verde, Conceição dos Ouros, Crisolia, Delfim Moreira, Elói Mendes, Francisco Sales, Gaspar Lopes, Gimirim, Heliodora, Inconfidentes, Itajubá, Lambari, Lambarisinho, Machado, Maria da Fé, Monsenhor Paulo, Nepomuceno, Ouro Fino, Paraguassú, Paraisópolis, Paredes do Sapucaí, Pedralva, Piranguinho, Pirangussú, Poços de Caldas, Renó, Santa Catarina, S. Rita do Sapucaí, S. Antonio do Pinhal, S. Bento do Sapucaí, S. José do Alegre, São São Lourenço, Gonçalo do Sapucaí, Sapucaí Mirim, Serrania, Três Corações, Três Pontas e Varginha

PROCURE APROVEITAR AS VANTAGENS QUE O USO DA ELETRICIDADE PROPORCIONA

LIBERDADE E JUSTIÇA

Capitão MANOEL PAIVA
Para a Revista "A. E. S. A."

O mundo de hoje, ainda estertorando sob os efeitos da última guerra, vê, constrangido, cambaleante e trôpego, que nuvens negras procuram encobrir o horizonte límpido que a humanidade deseja, num anceio de paz e de progresso.

E' que o sentido de liberdade e de justiça parece ter sido esquecido pelos responsáveis nos destinos da humanidade; potências estrangeiras, portadoras de ideologias exóticas e dissolventes, procuram, à fôrça, impor seus regimes tirânicos e despóticos, às nações enfraquecidas pelo último cataclisma da guerra.

Descortina-se na velha Europa a garra adunca e traiçoeira do comunismo que, por todos os meios e lançando mão dos mais mesquinhos recursos, tenta escravisar os povos menos avisados que, infelizmente, ainda acreditam nas promessas douradas do bolchevismo!

No Brasil, êsses princípios materialistas, que objetivam a anulação dos valores morais, a destruição da família na sua sublime essência, a proletarização da literatura e da arte, repugnam a nossa compreensão e os nossos sentimentos de povo formado na doutrina cristã; todavia, na nossa eterna bôa fé, damos uma credulidade displicente à existência da propaganda comunista em nossa Pátria.

Ela existe, subterraneamente, de vez que os adeptos do comunismo — êsses maus brasileiros — agem às ocultas, numa profunda e perigosa técnica de disfarce e embuste; agem, cautelosamente, em todos os setores da vida pública ou privada, falando de patriotismo e salvação nacional e se apresentando como idealizadores do que ha de bom em nossa Pátria.

Embuste, hipocrisia e traição, é o que êles trazem no coração e na alma, a serviço de Moscou, arrastando para o abismo da escravidão e da tirania absolutas, seus irmãos brasileiros, em troca de um lugar de "lacaio-lider", para ajudarem na tarefa de martirizar aqueles que são colhidos nas malhas do credo vermelho.

Resta-nos, portanto, organisarmo-nos, tambem, num sentido preventivo e de luta, pela nossa existência como povo livre. Lembremo-nos que o princípio de liberdade e de justiça, nos foi legado pelos nossos antepassados à custa de sacrifícios e de sangue; a nossa história é rica desses exemplos e, em nossa Minas Gerais, surge a figura estóica de Tiradentes - entre muitos outros - como paradígma de repúdio à escravidão; êle lutou e morreu pela liberdade de nossa Terra, liberdade essa que devemos manter a todo custo, afim de entregá-la, plena e intácta, aos nossos pósteros!

Somos brasileiros conscientes e confiantes no futuro do Brasil; possuimos valores e princípios e não necessitamos de teorias alienígenas. Que o regime democrático, ora reinante em nossa Pátria, seja bem compreendido e executado e teremos uma caminhada segura e suave, rumo à grandeza e aos supremos destinos do nosso querido Brasil, como nação livre e soberana.

Minha Patria

Acyr R. Veloso

Tremúla na amplidão do céu tão cristalino,
A Bandeira gentil da Pátria onde nasci.
Vou sentindo, afinal, que prendo o meu destino,
Ao Pavilhão sutil, mais belo que já vi!

Onde o céu, onde o amôr, onde o solo é divino?
Onde o mar vae tanger mil sons de colibrí?
Onde o vento, a cantar, espalha o santo hino,
Como a querer dizer:- "Tudo é bendito"! Aqui!

Onde se vê brilhar o Cruzeiro do Sul!
Onde a Glória viveu entre heróes que tombaram,
Defendendo co'amôr o Firmamento Azul!

Prossegui, tremulae, oh! Sagrada Bandeira!
Vossos filhos estão alertas e juraram,
Todo o sangue verter á Pátria Brasileira!

Veia

Fascinação

Aluno *Mario Soares Costa*

E's bela como uma flôr.
Graciosa como um jasmim.
E's vivo cravo do amôr
Mais lindo do meu jardim.

O teu olhar me fascina.
O teu perfil me seduz
Eu por ti sofro, menina
Sob êste mundo de luz.

Quizera, portanto, um dia
Abraçar-te, oh linda flôr.
Por toda a vida eu daria
Este meu ardente amôr.

Quizera ver-te ao meu lado
Bem faceira junto a mim,
Para rever-me curado
De sofrimentos sem fim

Poética

DESTINO

Aluno Telmo PAHL

Sei que te quiz, sei que te quero ainda
Por muito tempo creio que te amei
Sei tambem que minha mágua infinda
Vem desta renuncia que abracei.

É o destino, que talvez nunca finda
Quem sabe em tempos que passei
Peregrinando e sofrendo mais ainda
Pelo grande afêto que talvez abandonei.

E nesta onda, de avanços e de recuo
Ora te quero e o bem te retribúo
Ora me revolto e odeio-te a chorar.

. . . . . .

É que minha alma quase louca peregrina
Vagueia, sofre e segue sua sina
Até que teu amôr possa alcançar.

IÁRA

Aluno *Itario Soares Costa*

Pela primeira vez que vi Iára,
Quando eu a vi pela primeira vez,
Quanto desejo o coração buscara
Em contemplar essa atraente tez.

Se idolatrar pudesse esse nudez,
Essa tua face de beleza rara,
E mergulhar-me nessa limpidez
Nesses teus olhos que para mim Iitara

Tão sorridente, cheia de esplendor
Naquele dia em que te vi, querida;
Ó mensageira do meu terno amor!

A tua imagem, santa do meu sonho,
Na imaculada tela desta vida,
Está gravada e nos meus versos ponho.

Assalto às Posições Fortificadas

Captura do Forte IX em Varsóvia

Tradução pelo *Cad. José M. de Souza*
3.º Ano de Engenharia — E. M R.

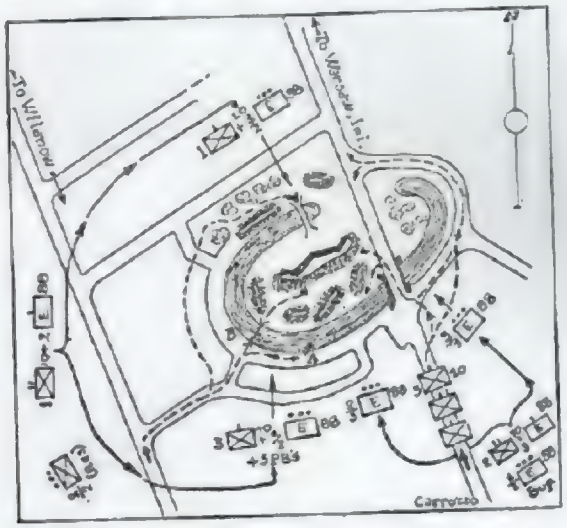
"Trata-se, neste artigo, da tradução de uma crônica de origem americana, baseada em documentos alemães Tem o valor de, ao mesmo tempo, dar uma ideia aos representantes de tôdas as armas, sôbre êsse tipo de operação em que a Engenharia toma parte ativa, e fazer vibrar o coração dos que, como o tradutor, têm entusiasmo e crença pela sua arma".

(Major José Ferraz da Rocha, Instrutor Chefe do Curso de Engenharia da E. M R.)

Em 25 de setembro, a Campanha da Polonia já estava quase terminada. Apenas as guarnições de Varsóvia e Modrin ainda estavam resistindo. Com a captura de Varsóvia a 25, os alemães planejavam terminar a operação a 26.

Durante o dia 25 o 10.º RI, tentando entrar na cidade pela estrada Wilanow-Varsóvia, ficara detido diante do Forte IX - um dos do anel de velhos fortes que até então haviam protegido com sucesso a cidade. Era essencial para o plano de capturar Varsóvia no dia 26 a pronta redução do Forte IX. Em tal situação, a solução germânica, (típica aliás) era chamar os Engenheiros Assim, na tarde de 25 de setembro, o 10.º RI foi reforçado pelo 88.º BE.

O Comandante do 88. BE apresentou-se ao Comandante do 10.º RI na tarde de 25 Presumindo que sua tropa seria usada no ataque do Forte, o Cmt da Engenharia já havia feito um reconhecimento. Ele verificou que o Forte estava situado como mostra o esquema que segue:



As paredes de concreto da casamata central tinham pelo menos 90 cm de espessura. O fosso tinha 4,5m de profundidade, margens abruptas e estava cheio dágua. No lado Sul do Forte êste fôsso era atravessado por uma ponte de concreto. A ponte sobre êle ao Norte era uma pequena estrutura de madeira.

Os comandantes da Infantaria e da Engenharia compararam as informações obtidas, estudaram a situação e assentaram um plano para o ataque, cujos principais pontos eram:

— atacar simultaneamente, de três lados do Forte, às 0500 horas de 26;

— transpor o fosso onde se tornasse necessário por meio de botes de assalto (pneumáticos);

— dispor a Infantaria e a Engenharia e dar-lhes missões conforme o esquema acima

De acôrdo com o esquema, êste plano implicava em reforçar os Btl Inf com Cias E:

o 1o. Btl Inf com a 2a. Cia E
o 2o. Btl Inf com a 3a. Cia E

1a. Cia E, da qual alguns elementos estavam fora, cumprindo outras missões, constituia uma sub-unidade de suprimentos. Mais tarde, seu principal encargo foi garantir o suprimento de explosivos das outras Cias E.

Ao tempo em que o plano foi feito, o 88º. BE estava espalhado sobre uma área considerável. O PC do Batalhão, a 2a. Cia (a pé), o 1o. Pel da 1a. Cia e os trens estavam estacionados 13 km no sul do Forte. O restante da 1a. Cia estava ausente, numa missão não conhecida. A 3a. Cia (motorizada) havia sido posta em refôrço ao 10º. RI, nos últimos dias, e estava estacionada com o 2o. Btl Inf, algumas centenas de metros ao Sul do Forte

O Comandante da Engenharia emitiu suas ordens de acôrdo com o plano acima. Ele especificou que as unidades deviam trazer para as zonas de reunião todos os lança-chamas (que elas estiveram usando nos combates casa-a-casa que caracterisaram a Campanha da Polonia), todos os explosivos disponíveis e seus botes pneumáticos. As unidades seguiram para as zonas de reunião durante a noite. Os únicos detalhes dignos de nota dêste movimento foram que êle se fez sem luzes e que a 2a Cia percorreu os 13 km nos caminhões de 8 Ton da equipagem de pontes É de considerar que as 2a. e 3a. Cias E chegaram ás zonas de reunião em bôas condições e receberam suas ordens dos Comandantes dos Btl Inf que estavam reforçando. Aqui novamente estão faltando detalhes mas, de uma leitura cuidadosa do comunicado germânico, é possível deduzir que os Pels E foram dispostos como mostra o esquema. Deve-se notar que, em geral, os ataques locais deviam ser feitos por Cias Inf, cada uma das quais estava reforçada por um Pel E.

A's 0500 horas o assalto desenrolou-se como se segue:

—os grupos de assalto do 3.o Pel da 2 a Cia E tentaram transpor o fosso pela passadeira ao Norte,

cobertos pelo fogo de metralhadoras e morteiros. Duas tentativas foram anuladas, com pesadas perdas. Não foram feitas tentativas posteriores;

— os grupos do 1.º Pelda 2.a Cia. E lançaram-se das casas próximas ao fosso, no ponto marcado A no esquema. Eles levavam seus botes pneumáticos. A Infantaria seguia a certa distância, à retaguarda. O movimento foi coberto por metralhadoras localizadas nos átrios das casas e por morteiros leves. O primeiro bote pneumático a ser lançado nágua foi despedaçado por tiros, antes que alguém pudesse entrar nele. Estava claro que êste não era lugar para se forçar a transposição do fosso e a tentativa foi suspensa;

— a Cia testa do 2.o Btl Inf, atacando pela ponte de concreto foi detida por um ninho de metralhadoras situado no fim da ponte. Este ninho foi dominado pelo 3.o Pel da 3.a Cia E, que veio pela direita e silenciou as metralhadoras com granadas de mão. Enquanto estes acontecimentos iniciais ocorriam, eram aproximadamente 0900 horas:

— neste interim, o 1.o Pel da 2.a Cia E tinha retraido seus botes para a cobertura dos edificios e os colocara no local próximo ao ponto marcado B, no esquema. Aí foi feita outra tentativa para transpor o fosso, desta vez com sucesso. Um grupo de Infantaria (cerca de 13 homens) transpoz na primeira vaga e o restante da 3.a Cia Inf, parte da Cia Mtr (a 4.a) e o 2.o Pel da 2.a Cia E seguiram logo após. Uma grande fôrça encontrava-se agora no lado do fosso em que estavam as casamatas e 50 polonezes, que estavam atirando de trincheiras situadas dentro dessa área, já se haviam rendido. Não está claro o que estava salvando a fôrça atacante do fogo proveniente do Forte — se bem que, é natural, as seteiras estivessem sob pesado fogo de metralhadora e de fuzil.

Enquanto a 2.a Cia E estava assim efetuando a passagem das unidades de Infantaria para o lado Oeste, a 3.a Cia E estava avançando com elementos do 2.o Btl Inf pela ponte, que havia sido limpa de inimigos como já foi descrito. Em seguida é lembrado que, cerca das 0900 horas, as 2.a e 3.a Cias E entraram em contato em frente à própria casamata. O único detalhe aquí fornecido é que o Cmt da 3.a Cia E foi morto durante a aproximação da casamata.

As tropas atacantes se achavam face a uma fortificação, dentro da qual se achavam 500 polonezes que ainda pensavam em continuar a luta. Não havia maneira pela qual a Infantaria pudesse levar avante seu ataque. Era um caso específico para as armas da Engenharia - e, especialmente, para os seus explosivos. Os Engenheiros então se propuseram a fazer o que deve ter sido muito parecido com um trabalho de destruição em tempo de paz

Enquanto isto, o Cmt. do 88.º BE, que havia estado no PC do 10.º RI durante todo o ataque, entrou em cena, e se encarregou ativamente das Operações de Engenharia. Cerca das 1100 horas o Cmt do 10.º RI viu que suas unidades de Infantaria de nada estavam servindo e, assim, retirou-as, deixando aos Engenheiros o trabalho de redução do Forte. Entretanto, colocou em apôio ao BE uma Cia Mtrs e um Pelotão de Obuzeiros leves (75mm) de Infantaria.

Um exame do Forte convenceu o Comandante da nossa Engenharia de que os pontos mais fracos eram as paredes. Em consequência êle decidiu abrir-lhes brechas, empregando o processo experimental para determinar a carga necessária: uma carga de 12,5 kg de Trotil, posta contra a parede, ocasionou apenas pequenos rombos; uma carga de 45 kg resultou num buraco com cêrca de 1m de diâmetro. Então aceita a carga de 45 km.

Imediatamente, quatro cargas de 45kg foram postas contra a parede do Forte. Em cada uma das aberturas assim formadas, foram lançadas granadas de mão e aplicados lança-chamas. Em uma ocasião, os polonezet tentaram lançar granadas de mão através das brechas, mas com pequeno sucesso. Em outra ocasião, um dos grupos de assalto da Engenharia tentou penetrar por uma das brechas, mas com resultados desastrosos.

Enquanto concluiam seu trabalho de destruição, os Engenheiros executavam também outras tarefas: atiravam granadas de mão pelas aberturas de ventilação ou então lançavam óleo dos lança-chamas pelas seteiras e inflamavam-no à distancia.

Pouco antes do meio-dia, um bando de polonezes emergiu do Forte, carregando uma bandeira branca. Entretanto, antes que houvessem ido muito longe, foram atingidos por tiros de outros polonezes, de dentro do Forte. Tendo falhado a tentativa de rendição, continuaram, além de outros trabalhos, os de destruição. Então, à tarde, a bandeira branca apareceu novamente e desta vez a guarnição realmente se rendeu. Sairam do Forte 475 polonezes, incluindo 15 oficiais.

O cronista alemão desta ação termina sua narrativa citando os despachos do G Q G, de 26 de setembro, nos quais foi feita referencia aos valorosos feitos do 88.º BE.

Tradução do Capítulo 2 "ASSAULT OPERATION CAPTURE OF FORT IX AR WARSAW" do livro "ENGINEERS IN BATTLE" do Ten. Cel. Paul L. Thompson, da Arma de Engenharia do Exercito Americano.

Um livro que pesava varias toneladas

Os antigos gostavam de agir e de pensar em grande escala. As estátuas egípcias tinham mais de vinte e sete metros. Dizia-se que os antigos reis babilônicos haviam vivido 36.000 anos; e os primeiros livros do mundo foram gravados em colossais monumentos de pedras. Alguns desses "livros", como a sumeriana "Epopéia de Gilgamesh" e a história egípcia dos Faraós, pesavam muitas toneladas cada uma.

Não sòmente os livros dos antigos mas as letras tambem eram escritas em tijolos de argila ou de pedra. Imaginai-vos escrevendo uma delicada carta de amor à querida Ishtarzinha ou Aruru, numa lage de rochedo. E gostareis de ser carteiro naqueles dias? *(do livro "Maravilhas do conhecimento humano).*

RECORDANDO A E. S. I.

Desde a sua fundação, vem a Escola de Sargentos das Armas cultuando uma louvavel tradição: recordar sempre com carinho e admiração os dias gloriosos vividos pela extinta Escola de Sargentos de Infantaria.

O atual comandante da E. S. A., Coronel Lage Sayão, num gesto elogiavel, criou o "Museu Escolar", onde o visitante encontrará, em exposição, lembranças e troféus que pertenceram à E.S.I., como tambem objetos de valor histórico elevado que nos foram transmitidos como recordações do extinto 4º. R. C. D., Regimento de honrosas tradições, cujo antigo quartel hoje serve de séde à nova Escola de Sargentos das Armas.

Procurando trazer à luz fatos que mais avivassem na mente dos Alunos de nossa Escola a lembrança da sempre lembrada E. S. I., o Coronel Lage Sayão solicitou a colaboração daqueles que nela labutaram, quer como instrutores, quer como alunos, afim de que a mocidade de hoje possa fazer uma idéia do que foi aquele Estabelecimento de Ensino Militar, atravez das páginas de "A E. S. A.". Atendendo ao apêlo formulado pelo nosso Comandante, o Ten Cel. Bayard Melo endereçou-lhe a carta que abaixo transcrevemos:

"Presado Snr. Cel. Lage Sayão.

Cordeais Saudações.

A propósito da nossa palestra sôbre a Escola de Sargentos de Infantaria antiga, e, em vista do desejo que externastes de manter a atual Escola de Sargentos das Armas, que tão digna e eficientemente comandais, á altura das velhas tradições de disciplina, preparo e eficiencia da sua antecessora, procurando tambem restabelecer o espírito de Corpo que a caracterisava, objetivo êste que vos levou a pedir a colaboração de quantos nela serviram, para publicação na Revista "A E. S. A.", aqui compareço com o meu modesto, mas sincero apôio.

Falar da E. S. I., depois de decorridos vinte e oito anos da passagem por ela, ainda é, para mim, das tarefas mais gratas. O espírito da velha Escola ainda vive em todos aqueles que por alí passaram e vibra, sempre que para ela voltamos os nossos pensamentos.

Tive a honra de pertencer à sua turma inaugural (a primeira de 1921) e, a cada passo, tenho a alegria de verificar que todos os moços que alí tiveram a sua formação, ainda hoje, militares ou civis, dentro e fora do Exército, esforçam-se por corresponder à influência do impulso inicial que a E. S. I. lhes imprimiu na vida. Não obstante o lidar intenso e exaustivo necessário ao cumprimento dos rigorosos programas de trabalho, talvez, e até por isso mesmo, todos os remanecentes da Escola recordam-lhe a vida com saudade. E a circunstancia de se não haverem apagado da nossa lembrança os sóis que iluminaram os seus dias, dá-nos a certeza de que foram os mesmos, bem vividos.

Conforme prometí, seguem, anexo, com as devidas anotações e esclarecimentos, os versos de uma canção composta por dois alunos da 1.a turma de 1922, do cuja leitura se depreende o amor à Escola e o bom humor de que se revestiam os alunos, face ao rigor dos trabalhos.

Alem desses, outros versos surgiram, dispersos em meio às emboladas e sambas, com os quais eram preenchidos os momentos de intervalo das instruções.

Quanto a canções tipicamente militares, exaltando a Infantaria, lembro-me de que duas foram feitas, mas a sua divulgação no seio do Exército ficou restrita ao período de vida da E. S. I.

Convencido que estou de que os versos da cançonêta, cujos ecos reboaram atravez centenas e centenas de vezes nos campos da Vila Militar, serão um estímulo aos jovens da E. S. A. que até poderão cantá-los (ainda lhes sei a música), subscrevo-me como subordinado e admirador,

Ten. Cel. Bayard Melo."

EMBOLADA DA E. S. I.

O ritmo é o da embolada e a música é a mesma de uma cançoneta, então em voga no Pará, "O JOÃO". Os primeiros versos, inclusive os do 4.o Grupo, são da autoria do ex-aluno Pretestato; os seguintes, pertencem ao dito Raymundo Nonato de Barreiros. Essa dualidade de autoria, explica a variação do estribilho.

Vocês não sabem
Como a Escola de Sargentos
E' uma Escola de talentos
Para quem quer ser soldado;
Basta que tenha
Boa vontade, esfôrço
E que trabalhe com gosto
Para ser aproveitado.

Os monitores
São rapazes preparados
Pulam mais do que uma gia
Correm mais do que um veado.
E o camarada
Que tiver canela fraca
Vai ficando pela estrada
Quasi todo esbodegado

Venham ver
Onde se pode aprender
Para bem
Saber cumprir o seu dever.

EsSI

O quarto grupo
E' pegado no combate (1)
Na sua frente ninguem grita
No seu peito ninguem bate
Está sempre pronto
Para defender a Pátria
Quer em terra, quer no mar
No estrangeiro, em toda parte.

O cabo Oscar (2)
Que comanda o quarto grupo
Não quer saber de tapía,
Não quer ver ninguem parado
Está sempre alegre,
Sempre altivo e prazenteiro
Como todo brasileiro
Que é feliz em ser soldado.

Venham ver, etc.

Sétimo grupo
E' do Sargento Queiroz (3)
Tudo faz em marche-marche
Mal escuta a sua voz:
Sobe ladeira
Desce môrro, faz trincheira;
Este grupo é um perigo,
No combate c'o inimigo

Seu Paladini (4)
Que é cabo monitor
Este grupo, ele define,
E' um grupo de valor.
E a tropa sabe
Que o cabo tem razão
Faz o serviço que lhe cabe
Nunca esmorece, não

Ah! que ardor
Ha neste grupo de valor BIS

Os cabras moles,
Quando ouvem falar em marcha,
Vão direitos ao Doutor
Pra baixar à Enfermaria;
E os monitores
Que conhecem a malandragem
Botam o cabra no caderno
Pra acabar com essa mania

Ha muito cabra
Que anda aqui acabrunhado
Por não poder fazer frente
A este grupo que é pesado.
E seu Tenente (5)
Ficou entusiasmado
Disse que o grupo é decente
Vai ficar tudo aprovado.

(1)= COMBATE: Maneira pela qual era designada, na E. S I., a instrução de "Combate e Serviço em Campanha", a cargo do então Tenente, hoje General de Divisão, Tristão de Alencar Araripe, que codificou, sob a forma de "Conselhos sôbre a instrução de Combate e Serviço em Campanha", os princípios contidos no R. E. C. I. e R. I. C., aos quais imprimiu forma didática especialíssima e tôda característica, inclusive quanto ao modo de ministrar os diversos assuntos da instrução. Pelo grau de importância da disciplina ministrada, pelo método objetivo e realista adotado, ou melhor, criado, o "Combate" era o ponto alto da E. S. I.

(2)= CABO OSCAR: Oscar Pinheiro Ferreira, então aluno do 2.o Período.

(3)= SARGENTO QUEIROZ, Rafael Pinto de Queiroz, instrutor auxiliar.

(4)= PALADINI: Danilo Paladini, ao tempo aluno do 2.o Período, morto posteriormente quando já havia alcançado o posto de 1.o Tenente, na intentona comunista, na então Escola de Aviação Militar, no Campo dos Afonsos.

(5)= SEU TENENTE: Esta referência diz respeito ao instrutor de "Combate", então, Tenente Araripe.

"A beleza da vida - disse Lin Yutang - consiste em que, ao revisarmos, no derradeiro dia do ano, as nossas resoluções do último Ano Novo, descobrimos que cumprimos uma terceira parte, deixamos de cumprir outro tanto e não nos podemos lembrar qual era o outro terço"

O homem que se decide a parar até que as coisas melhorem, verificará, mais tarde, que aquele que não lutou e colaborou com o tempo, está tão adiante que jamais poderá ser alcançado.

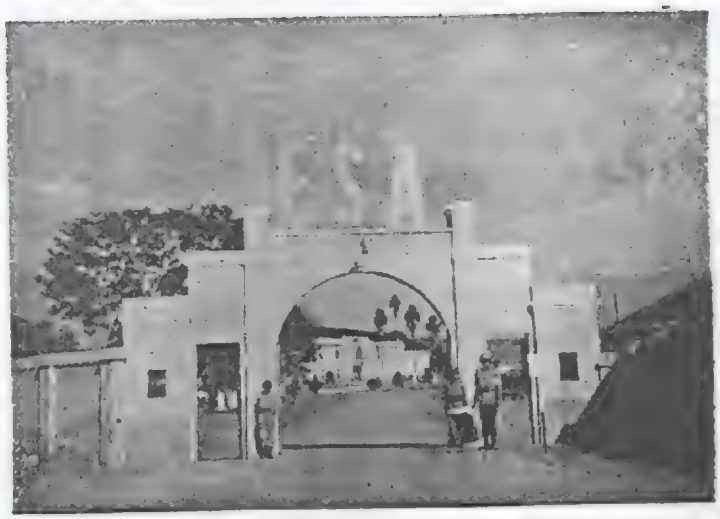
Constitúe, sem dúvida, uma das caracteristicas da Fôrça Armada a possibilidade de um deslocamento de todos os seus elementos pessoais e materiais, rápida e precisamente, oportuna e conscientemente, dentro do espaço de tempo exigido, no cumprimento de ordens superiores.

Um exemplo cabal e vivo, tivemo-lo, nestes últimos meses, com a mudança da Escola de Sargentos das Armas, de Realengo para a cidade mineira de Três Corações, para onde se transportou, em pleno período de instrução, com todo o seu pessoal e material, sem perda alguma do primeiro e sem danos no segundo.

Um esfôrço inaudito de todos os elementos da Escola num mesmo sentido transformou em realidade êste deslocamento, sem que a instrução sofresse solução de continuidade

Concretizou-se assim uma antiga aspiração do Exmo. Sr. General Ministro da Guerra que não mediu esforços para a realização da mudança da séde da E. S. A.

Num valioso apoio aos esforços empreendidos pelo Gen. Canrobert, lutaram tambem por tão notavel empreendimento o Gen. Mario Travassos, Diretor de Ensino do Exército, sempre empenhado em melhorar as condições de nossos estabelecimentos de ensino militar, o Prefeito de Três Corações, Sr. Odilon Resende Andrade, incansavel batalhador pelo progresso de sua terra e, finalmente, o nosso Comandante, Cel Lage Sayão que, contando com a colaboração entusiastica de seus comandados, executou com rapidez e eficiencia tão dificil e nobilitante missão.



Por êste portão, de hoje em diante, sairão anualmente os novos Sargentos em busca dos corpos de tropa.

Um detalhe da nossa praça de esportes.

Uma vista de conjunto das novas instalações da E. S. A. na formosa cidade de Três Corações

Deixando, com saudades, o tradicional casarão do Realengo...

entramos, esperançosos no Quartel cheio de tradições que nos legou o 4° R. C. D.

PADARIA SANTO ANTONIO

J. SERRANO

Pão de varias espécies e de uma só qualidade — A MELHOR — Especialidades em roscas secas, da Rainha, sequilhos, pão de banana, e outras variedades.

TRES CORAÇÕES = Rua 18, s/n = Sul de Minas

LAVANDERIA "SÃO JORGE"

Especialidade em lavagem chimica de sedas, de linhos e algodão

IRMÃOS BASTOS

TRES CORAÇÕES - Rua 18 - Telefone, 132 - Minas

BANCO DA LAVOURA DE MINAS GERAIS, S. A.

Sede: BELO HORIZONTE — Fundado em 1925

Uma das maiores e mais pujantes Organizações Bancárias do Brasil

145 Departamentos instalados no País, abrangendo o Distrito Federal e 9 Estados da Federação

RESUMO DO BALANCETE EM 30 DE SETEMBRO DE 1950

ATIVO		PASSIVO	
Caixa	292.682.973,80	Capital e reserva	151.000 000,00
Empréstimos	1 897.944.159,50	Depósitos	2 078.281.416,80
Agências e Correspondentes	842.771.615,10	Agências e correspondentes	888.709 779,40
Diversas Contas	165.753.490,50	Diversas Contas	81.161.042,70
Contas de compensação	2 613.451.625,20	Contas de compensação	2.613 451.625,20
Soma	5 812.603.864,10	Soma	5.812 603.864,10

O Gogó da Ema

Pelo Aluno CÍCERO LOBATO

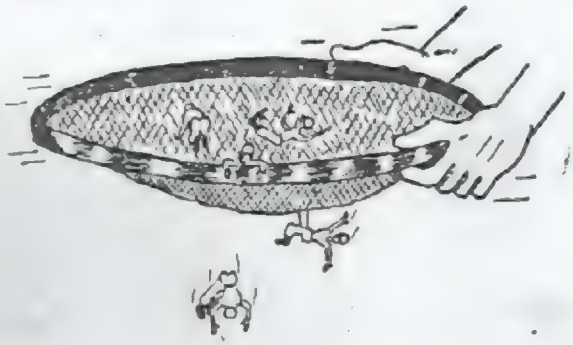
Conhecendo-se Alagôas,
E' muito fácil encontrar,
Na prãia de Pajussara,
U'a maravilha sem par:

O chamado Gogó da Ema
Beleza rara e natural.
Destacando-se invulgar
No famoso coqueiral.

E o forasteiro ao olhar
Esta obra rara de Deus
Dirá: nunca coisa tão formosa
Contemplaram os olhos meus.

Problema do Pessoal do Exército

Pelo Capitão Nazareno Fortes de Brito



Generalidades

Sob a égide deste título um estudioso dos problemas básicos do Exercito poderia escrever muitos volumes, porque as atividades militares reunem em si tôda a gama de experiências e conhecimentos a que se têm dedicado os homens desde os seus primórdios. Generalizando um tanto audaciosamente podemos dizer que o progresso espiritual e material dos povos é norteado pelo móvel comum da sobrevivência, cuja garantia, aprenderam êles, é corolário da maior ou menor potencialidade das suas Fôrças Armadas. Avançando um pouco mais chegamos à conclusão de que a paz é, em realidade, um período "inter-bellum" de preparação para a guerra no qual, estimulados pela certeza de uma futura disputa, os homens aperfeiçoam as experiências vividas, sistematizam-nas, desenvolvem novas técnicas, difundem-nas e aguardam o ataque ou adiantam-se a êle conforme a premência de um complexo de circunstâncias econômico-sociais.

É, portanto, no meu entender, a atividade militar aquela que interessa em seu dinamismo absorvente a totalidade das inter-ações humanas constituindo capítulos e volumes da própria vida do "homo-sapiens".

Em um escaninho dessa história imensa encontram-se as experiencias e idéias que passo a expor:—

Em todos os tempos, desde a horda até os super modernos exércitos nacionais, a atividade guerreira coloca o homem sob duas condições: a de **mando** e a de **subordinado**. Em tôrno desse binômio gira a harmonia individual e grupal E se quizermos dissecar, aprimorar ou construir algo que diga respeito ao militarismo nos encontraremos diante de **ações de mando e reações de subordinados**.

A Psicologia Militar em tempos idos, pelo bom senso, e, hoje em dia cientificamente, tem feito tentativas de um valor positivo e evidente no sentido de obter o ajustamento individual e grupal dos homens, entre si, ao armamento, aos ambientes pacíficos dos tempos normais e aos choques e violências dos tempos de guerra, acorde com os fins a que as sociedades destinam os exércitos.

Com o advento da máquina e seu grande desenvolvimento subsequente cresceram em número e dificuldades os conhecimentos especializados. Seguindo o mesmo curso avultaram os problemas do **mando** e da **execução**:- Novos esquemas de organização, princípios modernos de administração, maior descentralização no Comando e especialização crescente nas funções de execução.

Como em tôdas as organizações humanas, existe nas Fôrças Armadas o ideal econômico de obter o máximo rendimento com desperdício mínimo e êsse fim se aplica em nossa profissão a quatro fatores que poderíamos enumerar:- a)- **Seleção e classificação**, pelo aproveitamento das aptidões e da capacidade; b): **Moral**, ou melhor relação entre chefes e subordinados, instrutores e instruendos, ideais comuns, etc.; c) **Instrução**, ensinamento de técnicas eficientes; e d)- **Comando**, organização, planificação, supervisão e controle.

O fator primordial do qual resulta a maior ou menor eficiência do que está implícito nos outros é a **seleção e classificação**. No Exército a multiplicidade de funções que variam desde o trato de animais e maquinismo até as de instrutor de homens, seguindo uma escala de hierarquia e responsabilidades crescentes, não pode ser preenchida ao acaso sem um inicial estudo de aptidões e disposições favoráveis.

Torna-se impossível a obtenção de um bom moral e disciplina se um grupamento humano é constituido de incapazes e desajustados; que dizer da instrução se os instrutores não são hábeis e aptos para ministrar seus conhecimentos e dos instruendos quando mental, física e intelectualmente abaixo daquele aprendizado! E o comando? Se deficiente na capacidade mínima exigida para essa função provocará a desagregação de todo o grupo sob o seu controle.

Cabe à Psicotécnica lançar os trilhos da organização e administração das Fôrças Armadas e às Ciências Sociais completar a obra de harmonia grupal, uma partindo de análise do trabalho militar e a outra cuidando das inter-relações funcionais e conexões com o meio social.

O eterno reclamador...

E', pois, do estudo da "natureza humana" e de seú aproveitamento adequado que surgem os grandes exércitos.

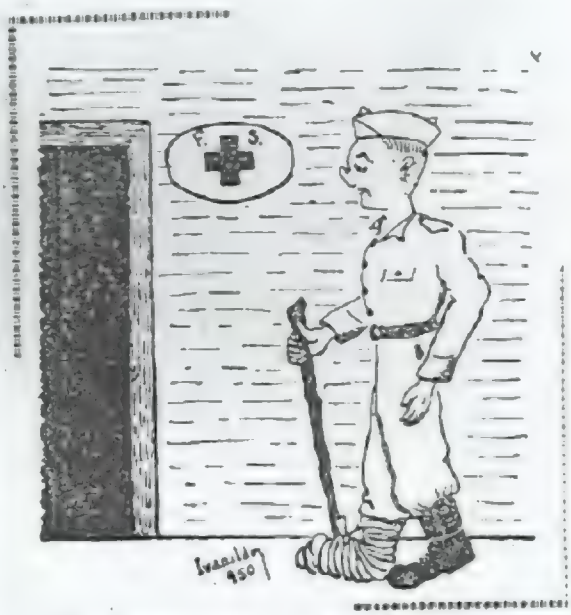
Muitas das habilidades humanas são herdadas mas a maioria delas se obtem pela recíproca reação individuo-ambiente; portanto cabe aos elementos encarregados da Seleção e Classificação de Pessoal apreciá-los por meio de testes no conjunto de aptidões e à administração treinar e orientá-los de forma que se tornem real capacidade para a guerra. Se não podemos criar homens para a guerra dados os nossos princípios democráticos nacionais, tendências para a paz, precisamos selecionar e adaptar os já existentes aproveitando suas inclinações estruturais e habilidades adquiridas na vida civil.

Testes adequados devem ser aplicados conforme a espécie de funções que desejamos preencher e tanto mais complexos e diferenciados quanto sejam difíceis e diversas as atribuições que o militar vai exercer.

A seleção de chefes exige muito mais apuro. A êles estarão confiadas responsabilidades e tarefas onde a sua personalidade se faz sentir de modo decisivo:- planejamento do serviço; orientação e treinamento dos subordinados; a divisão adequada do tempo disponível; o desenvolvimento do espírito militar; o interêsse permanente pelos problemas gerais do Exército, de sua unidade e dos indivíduos que a compõem; a administração do trabalho mediante ordens lógicas, simples, precisas e concisas, de tal maneira que os subordinados reconheçam a sua autoridade como um companheiro mais velho e possuidor de conhecimentos acima dos seus; a obtenção da confiança pela dedicação ao trabalho, bom exemplo, entusiasmo, e interêsse pelo serviço; o estímulo aos bons servidores através elogios sinceros e críticas construtivas; cultivo de lealdade como virtude essencial às classes armadas; estímulo à cooperação, animando aqueles que apresentam sugestões e cultivando o espírito de iniciativas; delegação de atribuições dentro das possibilidades de cada um; conhecimento profundo da arte militar dentro do seu escalão, pelo menos; aptidões para conciliar atritos, choques hierárquicos e funcionais, recebendo de um modo impessoal e uniforme todas as queixas; manter o domínio de suas faculdades mesmo nas situações críticas; análise de suas decisões partindo sempre dos efeitos que possam causar sôbre os que nelas estão interessados direta ou indiretamente; justiça branda, colimando sempre o fim de ajustamento e não aplicação apriorística dos artigos regulamentares; assunção das responsabilidades que lhe cabem; manutenção do trabalho diário dentro do ritmo preestabelecido; o desenvolvimento de questões atuais mediante a formação de seminários (discussão dirigida); apreço aos subordinados pelas referências feitas a êles em conversas com elementos extranhos à corporação; o acompanhamento vis-a-vis com o subordinado durante a execução de sua tarefa; conjugação dos diversos setores pela aproximação de interêsses complementares; etc.,etc., são atributos que devem aparecer quando é feita uma rigorosa seleção para os elementos de comando.

Por outro lado, o recrutamento da massa de soldados (executantes) abrangendo classes inteiras, proporciona às repartições encarregadas de pessoal do Exército, material humano de todos os níveis mentais, portadores de qualidades e deficiencias inatas ou adquiridas nos convívios dos ambientes caseiro, profissional e social. Não havendo na escolha de convocados razões de ordem econômica, principal motivo de protecionismo, é possível atingir a uma seleção racional, seguindo a sequência lógica de: **estudo de tarefas e funções, testes caractereológicos, provas de nível mental e habilidades e classificação inicial**. Êsse processo continua mais tarde, completado por uma constante reclassificação à proporção que a instrução aumenta a capacidade dos instruendos, e novas especialidades aparecem pela combinação e aprimoramento das diversas habilidades. É êste um prolongamento do trabalho de seleção e classificação, porque possibilita a organização de grupos homogêneos de instruendos.

Verifica-se que o problema do pessoal convocado reside não só no aproveitamento de conhecimentos trazidos e conhecimentos a ministrar, mas tambem, numa série de medidas de ordem psicológica, cuja finalidade é ajustamento ao novo ambiente. Sendo os tipos humanos tão diferentes e pouco conhecedores de si mesmo e das pessoas com quem entram em contáto, é questão das mais complexas e sua adaptação ao "desideratum" é a finalidade do Exército. Nem sempre as motivações que presentamos a esses homens são suficientes para debelar conflitos interiores e resolver as necessidades concretas de cada um. Por mais rigorosa



O "embromador" vive na Enfermaria

BIBLIOTECA EsSA

e justa que seja a seleção, por mais lógica que seja a classificação, fatores circunstanciais na vida de caserna ou em campanha, provocarão desequilíbrios, frustrações e consequêntes desapontamentos, ainda assim, os conhecimentos de psicologia militar, difundidos, principalmente entre os chefes, no que respeita ao trato com os homens, atenuará as perdas de energias humanas.

Diariamente, na rotina do serviço militar, nos defrontamos com os chamados tipos insuportáveis, como sejam:- o eterno reclamador (Jeremias); o ludibriador que inventa desculpas para não realizar um determinado serviço; o egoista, que encara todos os problemas subjetivamente, e se irrita quando obrigado a fazer algo que não aprecia; o sistemático depreciador das tarefas e realizações alheias; o desconfiado e descontente que ora se julga acima de certos trabalhos e ora prejudicado pela falta de oportunidades para sobresair-se em outros; o absorvente que toma a si as tarefas alheias em vez de executar as que lhe são destinadas; o esperto que se engalana com a exploração do trabalho e dedicação dos outros; o bajulador que

O bajulador ou "corredor"

geralmente incapaz de realizar algo de util se defende na vaidade de seus companheiros e superiores; o que transfere a outros suas responsabilidades sem uma razão lógica ou funcional; o mentiroso e deshonesto; o relaxado que não zela pelo material que lhe é distribuido; o exclusivista que só admite o seu modo de fazer as cousas; o tímido e descontrolado que serve de chacota aos outros e se submete às mais absurdas imposições; o intrometido que sempre tem um palpite a dar nos assuntos alheios; o perseguido que jamais se julga apreciado pelos outros; o ameaçador e agressivo que pretende subjugar a todos pelo grito e pela fôrça física; o ardiloso que faz intrigas joga uns contra os outros e surge ao fim como o herói da conciliação; o contemplativo que não toma conhecimento dos demais vivendo o mínimo indispensável do mecanismo da obrigação com o corpo e uma outra vida imaginária e fantástica com a mente; enfim um número angustiante de tipos desajustados que mais ou menos se aproximam

O relaxado

do extremo esquerdo da curva da personalidade; se apurarmos cada uma das expressões desta anormalidade encontraremos a ação negativa que as provocou. São frustrações que segregam o homem da harmonia ambiental e, quando isto ocorre, êle busca os recursos extremos de sobrevivência principalmente nos instintos.

E êsse regresso à animalidade se faz através os tortuosos e deformados caminhos das vivências passadas. Inicialmente os instintos positivos (nutrição, combate, orgulho, agregação, imitação, simpatia, auto-exibição, bondade, veneração, etc.) procuram mantê-lo no grupo primordial; com o tempo os instintos negativos (fuga, ocultação, auto-humilhação, etc.) acabam por desagregar a consciência e destruir a personalidade.

Podemos citar algumas das causas mais comuns de frustrações e desajustamentos dos homens em nosso meio - desinterêsse dos chefes e dos companheiros pelos seus problemas pessoais; crítica violenta ou maliciosa em lugar do ensinamento motivado; indiferença pelos bons serviços prestados; uso indiscriminado da fôrça hierárquica ou física; demonstração de desconfiança; parcialidade no julgamento; falta de oportunidade para realizar desejos mínimos; desdem pelas queixas justas; oscilações no temperamento dos chefes; incerteza do próprio valor, etc. etc.

Se não é possível impedir tão grande mal tentemos ao menos reduzí-los com a nossa cultura e o trabalho sadio e honesto de chefes. Comecemos pela seleção dos que nos substituirão futuramente aplicando nas escolas militares testes apropriados, e, difundamos as aplicações práticas da psicologia em nossa classe, mediante a introdução desse curso no currículo desses mesmos educandários. Concomitantemente empreendamos a recondução daqueles que ainda não se perderam completamente. Êste é a meu ver o **problema do pessoal no Exército** e a **sua solução racional.**

Rio de Janeiro, 19 de Junho de 1950.

COLT'S PATENT FIRE ARMS MANUFACTURING CO.
UNICOS REPRESENTANTES DISTRIBUIDORES
PARA O BRASIL
CASA MAYRINK VEIGA S. A.
Fone 3-1600 — 17 Rua Mayrink Veiga 21 — Caixa Postal 309 — RIO DE JANEIRO

OFICINA S. JOSÉ
Aparelhamento de Táboas Para Assoalhos e Forros = Molduras, etc. Secções de Carpintaria e Madeiras =
MOVIDA A ELETRICIDADE
LUIZ JOSÉ DE BARROS
Encarrega-se de Construções e Reconstruções de Predios
Avenida 7 de Setembro, 56 — Fone 209
TRES CORAÇÕES —:— Sul de Minas

BAR O. K. Newton Nedo
SORVETERIA—Os maisfinos e deliciosos sorvete
Completo sortimento de artigos para fumantes
GRANDE ESTOQUE DE BEBIDAS FINAS, NACIONAIS E EX TRANGEIRAS - BALAS, BOMBONS, CHOCOLATES, ETC. - FRU TAS NACIONAIS E EXTRANGEIRAS, CAFÉ, LEITE, CHOCOLATE
Av. Virgilio Melo Franco, 37 - Prédio Próprio - Fone 14
TRES CORAÇÕES — Caixa Postal 136 — Mina

ANGELUS

Pelo Aluno *Hugo Oliveira Gomes*

Mater admirabilis... Teus olhos adoraveis, mãe dos humildes, bailam vagarosos, cálidos e amorosos nesse minuto tranquilo de poderosa evocação; olhos cheios de graça da Rainha de tôdas as Graças; olhos repletos de perdão da miraculosa Rainha do perdão; cheios de tranquila ternura humana, da Mãe querida da mais profunda ternura.

Teu minuto, Maria, transcorre espontâneo como a espontaneidade graciosa dos pássaros; porque Tu habitas o segredo das horas no sereno milagre do "Angelus", em que o céu contrito se enovela em seu manto de côr para te saudar.

Tu, mãe dos pequenos, estás à beira da madrugada e à borda do crepúsculo. Tu vives e pulsas no terno brilho das estrelas; estás nos lábios das crianças, na glória loira dos trigais, na umbra tépida das florestas e as cinco letras do teu nome - Maria - tão puro e belo, descem do cimo das montanhas luminosas, banhadas de sol e de música, para que o vento as impulsione pelo mundo afora, rutilas e melodiosas, juntando-se no oceano vibratil de teu nome: Maria.

Em teu manto, Mãe querida, está a frescura da primavera, a juventude da alvorada, a estrada de Canaã, a perfumada resina do sândalo, da mirra e do incenso, e sob êle se acolhem a bondade, a ternura, a esperança, o amor, a fé e o encantamento.

Nesta hora de paz e recolhimento, Senhora de todos os mundos, eu Te peço a benção. Para mim, para as crianças, para tôda a humanidade. Que jamais se apaguem as cantigas nos tenros labios das crianças que Te saúdam. Que num mundo de paz e perdão continúe e reverbero de suas loiras cabecinhas, com toques de ouro e trigo, com promessas de liberdade, justiça e amor.

LENIRA

conto do aluno
Lindinalvo de ALMEIDA

O mar estava calmo e o vento soprava levemente. Quatro ou cinco barcos dirigiam-se para o mar alto. Por certo, seguiam para a pesca. Os barqueiros remavam com grande vigor.

Num pedaço de praia da ilha que era habitada por indios trabalhadores e já civilizados, via-se uma graciosa e linda cabocla: Lenira

Cabelos pretos e luzidios caindo em ondas pelos belos ombros, olhos vivos e penetrantes, dentes finos e alvos como marfim que se deixavam ver através de um sorriso encantador, completavam a beleza de seu rosto bem proporcionado. O seu corpo era delgado e bem feito, possuindo um geito particular de atrair quem o observasse. O seu busto semi-nú apresentava uns seios pontudos e firmes que lhe aumentavam o encanto.

Os dias claros de sol eram, para os habitantes da ilha, dias de trabalhos animadores Cada qual com a sua missão particular seguia o seu destino mal o sol apontava, voltando somente à hora das refeições, alegre, cantarolando, trazendo aos ombros o produto de seu trabalho. Uns pescavam, outros caçavam e alguns cultivavam a terra, todos contribuindo com o seu quinhão para o bem estar da comunidade. Lenira, disposta como sempre, auxiliava sua velha mãe nos trabalhos caseiros

De quando em vez aportavam à ilha navios, cuja tripulação encarregava-se das transações da produção da terra. Quando apareciam demoravam-se muitos dias. Certa noite dirigia-se, a todo vapor, uma bela escuna para a ilha citada, levando a bordo uma guarnição ansiosa por rever aquelas paragens, sempre agradáveis aos forasteiros.

Noite alta, deslisava o barco sobre as ondas, deixando atrás de si uma alva espuma que brilhava à luz do crescente

Mas eis que, inesperadamente, o céu foi-se tornando escuro e o mar, que parecia ter se zangado com as nuvens escuras que o privaram da carícia da luz da lua, foi-se tornando cada vez mais encapelado, lançando aos céus, em roncos surdos o seu poderoso protesto. Solidário com o oceano, o vento passou a soprar com mais fôrça, arremessando contra o casco da frágil embarcação, ondas gigantescas. Tentando acalmar a ira do oceano, caía do alto uma ducha de água fria cada vez mais forte, acompanhada de trovões e relâmpagos

Súbito, fez se ouvir um grande estampido. Duplicou-se o espanto de todos. Os tripulantes corriam em polvorosa pelo convez. Os escaléres, as balsas e bóias foram lançadas ao mar e, num segundo, estavam repletas. No mar já se encontravam vários corpos inertes, daqueles que não haviam suportado a fôrça das onda destruidoras. Pouco faltava para a embarcação sumir da superfície marinha Os trovões, como a disputar com o mar qual o mais poderoso, ribombavam cada vez mais fortes. Finalmente, lá se foi a ponta do mastro Para os que restavam sôbre as águas desaparecera a esperança, quando gigantesca onda se levantou embrulhando de roldão as pequeninas embarcações em que se abrigavam os naufragos. Os gritos desesperados que partiram daquelas bocas, abafaram, por um momento, o barulho ensurdecedor da tormenta.

. . . . . .

A noite se findava e céus e mares haviam voltado ao silêncio e à calma que se seguem à tempestade. O céu foi se aclarando e a estrela da manhã atingiu seu máximo fulgor até esmaecer de novo e deixar de brilhar ofuscada pela luz do astro rei que se espreguiçava, ainda mal desperto, no nascente.

Admirando o nascer do sol, achava-se a cabocla Lenira sentada na praia brincando preguiçosamente com a branca areia. Assim estava, admirando o rosado da alvorada quando, inesperadamente, viu um corpo ser jogado na praia pelas ondas que se derramavam, em branca espuma, sôbre a areia branca.

Um salto e uma pequena carreira foram o suficiente para chegar até onde jazia o corpo inanimado de um homem. Chegando junto a êle parou indecisa... Afinal, tomou uma resolução e, retirando-o da água, verificou que aquele rapaz ainda vivia. Com grande ou pequeno esfôrço - não sei eu - o certo é que, em pouco tempo, o havia arrastado praia acima até à sombra de um coqueiro.

Finalmente foi à vila buscar auxílio e providênciou para que o levassem para sua casa.

Três dias depois êle já falava, se bem que desconcertadamente. Após considerável melhora, contou a sua história Falou da tormenta, do naufrágio do seu barco do qual era o único sobrevivente. Sentia-se alegre por ter escapado porém tristonho pela espécie de cegueira que ficara consigo.

Lenira, moça hábil, colocou no alto de um pequeno coqueiro uma sineta, cujo som guiava o rapaz para se dirigir ao seu encontro quando dela se houvesse afastado. Num dos seus costumeiros colóquios à sombra do pequeno coqueiro o jovem - que dissera chamar-se Martins - falou:

— Bôa Lenira, que hei de fazer para resga-

tar esta dívida que contraí para contigo? Sou bem infeliz: nesta hora em que preciso te ver, conhecer a minha salvadora a quem devo a vida, Deus tirou-me a luz. Como poderei te pagar por tudo isso? Fala.

— Martins, Deus sabe o que faz e tu nada me deves. Deverás, isto sim, si por acaso me abandonares. Si assim o fizeres te considerarei um ingrato. Escuta, disponho de alguns bens, principalmente pérolas, e tudo isso servirá para que eu pague a quem te restituir a visão. Depois, então, irás tratar da tua vida e poderás pensar em retribuição, isto é, ..

O restante da conversação foi interrompido pela aproximação do irmão mais moço de Lenira que lhes vinha mostrar um navio que navegava ao longe, parecendo dirigir-se para a ilha. Realmente, pouco depois, a embarcação se aproximava até que, a alguns metros da praia, lançou ferros. De bordo foram arriados vários escaleres que rumaram para a praia apinhados de marinheiros. Num instante a praia estava apinhada pelos habitantes da vila cuja alegria transbordava pelos semblantes satisfeitos e pela algazarra que faziam. Agora, por certo, venderiam seus produtos em troca de objetos e ferramentas que lhes traziam do continente. Por fim, chegaram em terra os tripulantes do barco e, no mesmo momento começaram a se fazer os negócios. Foi quando Lenira fez com que Martins se aproximasse dos recem-chegados. Felizmente, havia entre os tripulantes um que fazia as vezes de médico de bordo e que pareceu interessar-se pela sorte daquele rapaz branco que ali estava cego e, por isso mesmo, abatido e tristonho. Após um rápido exame achou necessário que Martins se transportasse para bordo durante o tempo em que o navio permanecesse ancorado afim de poder tratá-lo.

Entretanto isso despertou em Lenira uma sombra de despeito e de medo de perder o rapaz o que fez com que, só a muito custo, concordasse.

No dia seguinte houve uma pequena despedida e Martins acompanhou aquele que era sua única esperança, depois de Deus. Daquele dia em diante não houve mais alegria no coração de Lenira, a linda caboela. Entretanto, o medo que tinha de que Martins partisse era logo dominado pela convicção de que o navio não levantaria ferros deixando em terra vários tripulantes que passavam o dia em terra negociando com os nativos.

O improvisado médico notou que a cegueira de Martins era motivada pelas queimaduras da água salgada e tambem pela sugestão motivada pelo desespêro do naufrágio. Uma simulada operação e uma série de curativos diários foram, pouco a pouco, restituindo a visão ao rapaz.

Passavam-se os dias e Lenira, aguardando a sua volta, deixava-se ficar sob o coqueiro assistindo à chegada e à partida dos tripulantes todos os dias, sem que com eles viesse aquele que anciosamente esperava.

Por outro lado, passava-se algo muito importante na vida de Martins. Uma vez que recuperara a vista, sentia necessidade de voltar à sua terra, reiniciar seu trabalho e a oportunidade de partir se lhe apresentava neste momento, pois tão cedo não viria outro navio ali. Para aumentar seu desejo havia a insistência dos tripulantes para que os acompanhasse ingressando como membro da guarnição do barco. Mas a sua dívida de gratidão prendia-o na ilha e assim passava os dias naquela indecisão.

Finalmente foi marcada a data da partida para o dia seguinte, ficando combinado que Martins seguiria tambem. Entretanto, tudo foi feito em sigilo afim de que Lenira não tomasse conhecimento da traição do seu protegido. Alguns homens foram mandados pernoitar em terra afim de desviarem as suspeitas, porém com a missão de, pouco antes do dia nascer, regressarem sorrateiramente para bordo.

Assim foi feito e, ao clarear do dia, afastava-se lentamente o navio ao sôpro do brando noroeste.

Na hora do costume chegou Lenira ao seu lugar em baixo do coqueiro. De início procurou divisar, atravez da bruma, a silhueta do barco onde estava a vida da sua vida. Nada vendo, culpou a neblina por roubar-lhe dos olhos a visão confortadora que descansava seu coração tôdas as manhãs. Pouco a pouco foi porém desconfiando até que, ao clarear mais, verificou que fôra ludibriada. Célere correu ao local onde dormiam os aventureiros e certificou-se de que realmente, fôra miseravelmente enganada. Andou como louca pela ilha gritando pelo nome de seu amado que fugira até que, subindo a uma duna, avistou no horizonte a embarcação que se afastava. Fugiram-lhe as fôrças porem Lenira, num desesperado esfôrço, correu como louca até à sombra do seu coqueiro onde deixou-se cair em prantos sôbre a areia. Escondendo entre as mãos a linda face chorou como uma criança.

A sineta pendente do coqueiro, lembrança daquele que ela preferia cego a vê-lo partir, aumentava o desespero da jovem tilintando mansamente sacudida pela brisa. Aquela recordação que o som, ântes amigo, daquela sineta lhe trazia mais aumentou o desespêro de Lenira, aumentando-lhe as lágrimas.

Súbito, aquele som tornou-se odioso e cruel lembrando-lhe a ingratidão de Martins fazendo com que Lenira criasse fôrças para se levantar e dirigir-se, como louca, para perto do tronco do coqueiro. Procurou alcançar a cruel sineta mas esta estava muito alta. Desesperada a cabloca, reunindo tôda a agilidade que seu estado permitia, foi subindo pelo tronco escorregadio da palmeira para retirar aquele instrumento de suplício.

Subiu mais até que sua mão alcançou o cordel que foi partido nervosamente.

Perdendo o equilíbrio caiu Lenira para traz, de uma altura de uns dois metros, que era, quando muito, a altura do coqueirinho no qual havia subido.

Porem, antes que seu corpo tocasse ao chão, sentiu a cabocla que êle havia parado no ar inesperadamente. Esquecendo a vida ela fechou os olhos pensando que, finalmente viera a morte terminar a sua dor apagando a saudade daquele que se fôra.

O seu nome foi sussurrado ao ouvido e o contato do seu corpo com outro corpo, trouxeram-lhe a certeza de que estava viva e, com medo e dúvida, abriu os olhos.

Só então, compreendeu porque não caíra ao solo ao se despencar da palmeira: o seu corpo fôra amparado nos braços robustos do seu bem amado, Martins...

O Sofrimento Faz Parte da Vida

Do aluno LUIZ CARLOS DOS PRAZERES

Eram, aproximadamente, cinco horas da manhã. O sol, por qualquer razão, ainda não começara a nascer. Eu estava encostado a uma frondosa árvore, analisando o estado mísero em que me encontrava: com as vestes meio rasgadas e o corpo dilacerado pelos espinhos que encontrara durante a caminhada pela caatinga agressiva pela qual vagueara durante a noite inteira.

Ali onde estava, quasi sem ânimo para prosseguir, eu me quedava exáusto e tinha a impressão de nunca chegar ao fim da jornada que mal começara.

Encontrava-me na parte mais alta de uma elevação de onde se podia ver, lá em baixo, o matagal que me havia torturado impiedosamente, como quem não quer ver realisado o maior desejo de um homem que não sabe medir o seu amor. Como se fossem armas manejadas pelas mãos do destino, os cruciantes espinhos das "unhas de gato", das macambiras e "corôas de frade" prendiam-se-me às roupas rasgando-me a pele e dificultando ao máximo a minha marcha, cujo ponto final constituia o de mais importante na minha vida.

Com a tênue penumbra da aurora, que se anunciava, na luz nascente que surgia por traz dos mórros que se erguiam a grandes alturas como que num desesperado esfôrço de tocar aos céus, eu lia e relia, quasi em prantos, a carta que havia recebido ao entardecer do dia anterior.

Nela eu encontrava o lenitivo para minha fadiga e um insuperável estímulo para prosseguir, apesar de tudo.

No decorrer de meia hora já estava bem claro o dia e o sol já esquentava anunciando uma daquelas manhãs claras e de calor causticante do sertão, o que me servia de aviso de que era hora de partir afim de dar prosseguimento à minha peregrinação pelas terras imensas e deshabitadas daquele pedaço de sertão pernambucano. Levantei-me, então, com o auxílio de umas ramas próximas e, cambaleando ainda de cansaço, comecei a descer o mórro.

O caminho, daí em diante, começava a melhorar facilitando-me a caminhada, por si só já cheia de dificuldades.

Caminhei todo o dia sob um sol causticante e impiedoso que fazia tremer de calor as planícies cobertas de rala capoeira já ressequida. Com os olhos semicerrados vencí quilômetros e mais quilômetros sem notar que, lentamente, me aproximava de uma casa grande e demasiadamente velha para ser habitada. Entretanto, pela descrição da carta que eu tinha em mãos, não poderia haver dúvida; era naquele casarão de aspecto deplorável que se encontrava o ser a quem eu dedicava todo aquele sacrifício e que, nos últimos instantes de sua vida, reclamava minha presença implorando aos Céus para não morrer sem ver me pela derradeira vez. Desejava levar para o Além a lembrança bem fresca do seu primeiro e único amor e fazer-lhe alguns pedidos que, com saúde, não fôra possível fazê-los.

Próximo daquele casarão abandonado e rodeado de amplos terraços em ruinas, velhas árvores balouçavam lentamente, deixando cair suas fôlhas sêcas que terminavam a existência e davam lugar à lei da sucessão dos velhos e fracos pelos novos e fortes.

Mas a minha querida Neusa, que estava lá dentro daquela sinistra residência, sucumbia, e não era velha nem fraca e, no entanto, não podia mais viver.

Momentos de indecisão avassalaram o meu "Eu", deixando-me incapaz de enfrentar o que de mais cruel o destino me reservara: assistir à passagem do ente mais querido da minha vida. Porém, concentrando as últimas energias que me restavam rompí a barreira do medo que me dominava e galguei aos saltos os degraus meio pôdres da escada que rangeram ao meu pêso.

Atravessei o espaçoso terraço e empurrei a porta; estava apenas encostada. Um primeiro olhar mostrou-me uma casa aparentemente vasia de habitantes onde uma espêssa camada de pó sôbre os móveis indicava que a sala há muito não era utilizada. Ao fundo da sala uma porta entreaberta mostrava um trecho de um quarto de onde me chegavam aos ouvidos débeis gemidos entrecortados por uma tosse séca e rebelde. Para lá me dirigi apressadamente e, abrindo completamente a porta, percorri com os olhos o interior do aposento. Era amplo e claro, com largas janelas entreabertas por onde entrava uma leve brisa que fazia balançar as cortinas.

Numa cama larga, bem forrada e de limpeza impecável dormitava a minha querida Neusa espalhando sôbre os travesseiros os anéis de sua formosa cabeleira.

Ao lado da cama via-se, sôbre uma mesa de cabeceira, ainda, um meio copo de agua cercado de vidros de remédio que não deixavam dúvida sôbre a espécie de doença que havia minado aquele jóvem e frágil corpo, a terrível tuberculose.

Vários outros móveis peculiares ao adôrno de um dormitório de moça encontravam-se no quarto, porém, exceto a cama, todos demonstravam não serem usados há muito. Neusa permanecia semi-adormecida e apenas seus lábios, de quando em vez, se entreabriam para deixar escapar um fraco gemido.

Aproximei-me do seu leito lentamente com medo de perturbar-lhe o sono. Sentei-me ao seu lado e tomei entre as minhas a sua delicada mãosinha pálida e descarnada. Aos poucos os seus olhos foram se abrindo e, por fim, me fitaram.

Notei em seus olhos uma expressão de espanto, logo seguida de uma expressão alegre de felicidade. Inclinei-me para beija-la nos lábios que tremiam e onde se notavam, ainda, pequeninas manchas de sangue. Ela pondo sua mãosinha frágil sôbre o meu peito tentou impedir-me balbuciando:

—Por favor, Luiz, não me beije; Você precisa viver para vencer e, com certeza, ser muito feliz com

outra Neusinha que lhe saiba amar tanto quanto eu te quero...

Cansada pelo esfôrço deixou-se cair para traz sacudida por uma crise de tosse e cerrou os olhos.

Nesse interim, uma onda de pensamentos desordenados invadiu meu cérebro trazendo à tona recordações esparsas de um passado feliz.

Revi, em pensamentos, uma alegre garotinha de doze anos que corria, irrequieta e saltitante pelas ruas de minha cidade, quando a velha sineta do colégio tocava anunciando o fim de mais um dia de estudos e folguedos

Eu a esperava no portão para acompanhá-la até à porta de sua casa que não distava muito da minha. Éramos bons colegas apesar de eu já ser quartanista do Ginásio e ela ainda estar se preparando para o exame de admissão.

Com a aproximação cada vez mais estreita entre nós foi surgindo, insensivelmente uma grande amisade que, mais tarde, descobrimos ser o Amor.

Desde então eu passei a ver, naquela garotinha travessa, a creatura mais bela e encantadora do mundo.

Previa a felicidade que nos aguardava quando terminássemos os estudos, e eu começasse a trabalhar para assegurar um futuro próspero à creaturinha dos meus sonhos de adolescente. Mas o destino não quiz ver meus sonhos realisados, reservando-nos uma tragédia que teve seu desenlace poucos anos depois.

Num dos nossos passeios fomos surpreendidos pelo tutor de Neusa que, após recriminar nossa amizade como "tôla cavilação de crianças", prometeu que acabaria por nos afastar definitivamente. E assim, com o correr dos tempos, nossos encontros foram se tornando mais espaçados até que um dia mandaram minha Neusa para a fazenda de uns parentes no Sertão não me sendo possível descobrir, com exatidão, para onde havia sido mandada a minha querida.

Passei, então, a encontrar lenitivo para as minhas saudades apenas nas poucas fotografias que guardava com todo carinho. Cada vez que contemplava uma a uma aquelas lembranças eu revia, saudoso mas embevecido, os seus cabelos encaracolados emoldurando um rostinho divinal onde brilhavam, como duas esmeraldas, os seus verdes olhos sempre sorridentes.

Em vão esperei ano após ano por uma carta, uma notícia siquer, até que um dia ao reconhecer sua letra em um envelope a mim endereçado, exultei de contentamento e abrí a carta com sofreguidão.

Mas qual não foi meu desespêro ao ler aquela notícia aterradora que me fez andar léguas e léguas pelo sertão agressivo, furando tremendos matagais para, finalmente, encontrar-me assim como estava.

Absorto naqueles pensamentos passei não sei que tempo... Ao despertar, voltei-me para Neusa e encontrei em seus lábios um sorriso fraco e sem expressão.

Pouco depois ela fitou-me com os olhos rasos dágua, apertou-me a mão de leve e tentou erguer-se na cama como se quizésse falar-me. Procurei fazê-la deitar novamente mas ela insistiu dizendo:

=Querido... estou chegando ao fim, porém feliz... Nosso amor venceu...

Não se aflija, Luiz, "o sofrimento faz parte da vida"...

Mal terminou de pronunciar estas palavras deixou-se tombar lentamente sôbre os travesseiros e, enquanto os seus olhos se fechavam, abriam-se-lhe os lábios em um sorriso de felicidade. Desesperado percebí que aqueles olhos verdes e travessos se haviam fechado para sempre.

O BURACO SOTURNO

Reportagem dos Alunos

Edgard Lima e Hermenegildo Leão

Das muitas naturais maravilhas disseminadas pelos rincões deste imenso Brasil, uma existe que, por suas características raras e pela beleza natural, se sobressai: é aquela matogrossense beldade, talvez de muitos ignorada, o "Buraco Soturno"

Orgulha-se Forte de Coimbra, o lugarejo que tem a honra de abrigar tal capricho da natureza, desta maravilhosa raridade, capricho das evoluções terrenas, que, por certo, um dia passará às páginas da história.

Buraco Soturno... Ao depararmos com a sua entrada, mesmo que seja a curta distância, nada de novo se nos apresenta á vista que um simples interstício no sopé de uma gigantesca elevação. Contudo, se avançarmos por êle a dentro, nossa visão se estatelará ante o conjunto harmonioso e simétrico contido no vasto salão subterrâneo.

Capaz de comportar mais de cem pessoas, é êle o atrativo dos que olvidam o bulício citadino e buscam, em a natureza pacata desse lugar, a sã alacridade para o seu atribulado viver. Deveras, a todos encanta a beleza das fulvas areias ladeando cristalinas e salutares águas, nas quais se refletem os muitos e grandes filêtes desprendidos do teto, quais minaretes alvos apontando o solo.

Porem, não se resume a êsse enorme salão o Buraco Soturno. São inúmeros os seus compartimentos, todos tão grandes como o primeiro, que se estendem pelo sub-solo e se ligam por intérmino labirinto, talvez, muitos deles, ainda não pisados por ser humano.

E um que de assombro e temor nos enche a alma quando penetramos naqueles recônditos corredores,-quem sabe?-antigos antros de pré-históricos e desconhecidos monstros. Nada inadmissível para a vastidão dos tempos que corroem as suas paredes, cavam-lhe sulcos profundos onde correm as águas, e destróem os vestígios de vida daqueles que primeiro habitaram seus sombrios labirintos.

E, ao contemplarmos embevecidos tão magnífico espetáculo, podemos afirmar que, incontestavelmente, às maravilhas existentes no mundo, mais uma vem se acrescentar, com vulto e elegância. E esta nova maravilha é aquela das plagas longínquas de Mato Grosso: o "Buraco Soturno".

UMA HISTORIA DE AMOR

Aluno Hugo de Oliveira Gomes

ERAM os olhos, a principio. Olhos adoraveis, ha vinte anos atrás. Agora, ainda não apagados; repletos de uma luz esvoançante, trêmula, alguma coisa de definitivamente tranquilo. Os olhos, a princípio.

Depois, os labios. Ora um tanto encarquilhados, sem o mesmo frescor de outróra; labios atraentes, contudo; entreabertos pelo espanto; donos, ainda, das mesmas linhas de antigamente, mas cansados; as comissuras algo vincadas.

Dizem que a vida costuma transformar as sensações e as coisas Transforma mas não aniquila.

Pois ainda alí estavam os olhos e os labios; no fundo das pupilas morando a mesma luz verde anciosa de ha vinte anos; na pôlpa dos labios morando o mesmo incontido desejo de ha vinte anos.

— Ermelinda, — eu disse.

E a anciosa luz verde dos olhos pousou em meu rosto.

— Ermelinda — eu repeti.

Fôra em Rosario, no Rio Grande do Sul, ha vinte anos.

E tomei, entre as minhas, as suas mãos. Lembrei-me daquele velho piano do sobrado. Ha vinte anos!

Instalei meus olhos e meu espirito na anciosa luz verde dos dela. Então, muitas palavras me acorreram. E eu lhe disse, sem pausa, todas as palavras que, ha tanto tempo, me habitavam.

— Anda, dá-me tuas mãos. Quero que venhas comigo para os corredores do sol.

Vamos, dá-me tuas mãos; ha calidas e antigas estradas que aguardam por nossos passeios, como antigamente Lembras?

E a luz verde teve um súbito relâmpago. E o suspiro fugiu da pôlpa dos labios espantados.

— Ermelinda—murmurei pela terceira vez.

E cerrei os olhos Era como uma repentina sinfonia. Um bafo de primavera. E, finalmente, os labios espantados se descerraram E aquela voz de ha vinte anos tornou a viver, um pouco rouca:

= Assassino!

Ficamos em silêncio A mão pequena do velho piano do sobrado fugiu de entre as minhas. Um muro de duvidas e amarguras nos separou.

= Eu nunca te perdoarei isto = ela disse — Compreendes?

Neguei mudamente.

— Porque surgir assim do fundo destes anos todos? Não compreendes que somos agora os fantasmas daquilo que fomos outróra? Não te parecia melhor a lembrança do tempo em que juntos sonhamos? Agora, eis-nos sentados.. Um junto ao outro com caras de melodrama E gratuitamente, Altino... Apenas balbuciei:

= Porque fantasmas?

Ela riu, com a mesma incontida vibração do antanho.

— Somos sombras. Que temos em comum? Meia duzia de sonhos esfarrapados... Um vácuo de tempo entre a vida vivida e a vida por viver... Estamos repletos de experiencias triviais; a trivialidade amarga da vida.

Baixou os olhos e acrescentou:

— Eu me sinto tremendamente cansada...

— Minha pobre querida...

— Tremendamente cansada. Estou velha. Estamos velhos, Altino. Parece-me um duende, um solitário duende querendo desenterrar uma quimera.

= Nosso encontro te causa mágoa?

Como ha vinte anos, uma suave atitude de enleio desceu sobre o seu rosto. E ela murmurou:

= Não.

E, de novo, nossas almas se unirám com o mesmo calor de antigamente. O silêncio, muito discreto e sabio, veio substituir todas as palavras ditas, todas as palavras por dizer; todos os sonhos despertos, todas as esperanças revivecidas.

Ah! Novamente o calor de suas mãos, novamente a tranquilidade de seus labios e de seus olhos. A verde luz anciosa novamente.

Na confeitaria em que estavamos, a eletrola trouxe para os ares o som de «La Cumparsita».

= Lembras? = ela murmurou.

Ha vinte anos, com o mesmo calor de agora, a música nos aproximava. E com a mesma doçura, mas infinitamente triste, numa noite de estrelas esmaecidas, ela me contara ter sido ultrajada pelo seu pai adotivo. Num relâmpago de malícia volta-me à lembrança a trágica memória daquela noite; vejo-me de novo de tocaia; minhas mãos afagando nervosamente a coronha da arma. Ante os olhos de minha memória, novamente, tomba o corpo do sedutor, junto com o estampido sêco.

O som de «La Cumparsita» dá-me agora a melancólica agonia de vinte anos de silêncio e de espera.

— Anda — eu lhe digo — dá me tuas mãos. Quero que venhas comigo para os corredores do sol. Uma hora apenas Uma hora para vinte anos.

E depois, já em plena rua enseiarada, ela ainda me escuta:

— Eu estou casado Tu tambem, pelo que vejo. Ambos temos tudo em separado. Assim foi disposto e assim deve permanecer. Quero apenas, mais uma vez contigo percorrer uma estrada de sol. Quero falar-te de nosso filho. E' um pobre ser, pisoteado, amargurado, agitando-se nos subterraneos do nosso espirito. Nosso filho, nosso muito amado filho: o AMOR.

Ela nada disse. Apenas sorriu com uma súbita juventude nos labios. E pôs a sua mão pequena em minha mão.

Como ha vinte anos... Em Rosário, no Rio Grande do Sul.

AMOR DE MÃE

Um conto do Aluno
Gilberto Perello Ricci

Era noite no extremo sul do Brasil. E nas vastas planícies dos pampas, no interior de uma pequena cabana construida de madeira, ouvia-se, apenas, o leve balouçar de uma cadeira na qual repousava uma anciã.

A noite era fria e chuvosa e o silêncio era aterrador.

De repente, bateram na porta apressadamente. A velhinha levanta-se a vai abri-la.

—Bôa noite - diz-lhe o visitante que era um guarda municipal.

—Bôa noite - responde a velhinha - Que deseja?

—Bem, minha senhora... trago-lhe más notícias. Seu filho fugiu esta tarde e o Diretor pede para mandar avisá-lo se êle aparecer por aqui.

—Mas, seu Guarda... Jorge é inofensivo.

—Senhora, tudo podemos esperar de um louco. Eu não devia dizer-lhe isto, mas, durante sua fuga, Jorge matou um guarda.

Dizendo isso o guarda despediu-se e saiu. Novamente sosinha em sua casa, a pobre velhinha começa a pensar e não poude evitar que lhe viessem aos olhos as lágrimas, a rememorar o seu Jorge de muitos anos atrás, quando era ainda pequeno e a todos encantava com seus olhos azúes, suas faces gorduchas e rosadas, seus cabelos louros e cacheados e o seu modo brejeiro de sorrir. Depois, e ela acompanhava os fatos com a memória, êle crescera e, sem que ninguem suspeitasse, crescera tambem sua terrível enfermidade.

Aos nove anos apareceu o primeiro sinal da doença, quando Jorge apertou a garganta de um gatinho até matá-lo. Três anos mais tarde êle lançava-se contra um de seus colegas, deixando-o quasi morto.

Até que um dia não tiveram mais dúvidas sôbre o seu estado e levaram-no para o Hospício Nesse dia, êle conversava com sua noiva quando, em dado momento sem se saber porque, estrangulou-a.

Depois de tôdas estas divagações a pobre velhinha adormece em sua cadeira de balanço, tendo entre os dedos as contas de um rosário.

São 23 horas. Lá fora o vento está mais forte e o frio aumentou bastante A velhinha desperta sobressaltada com o ruido de passos no exterior da casa. São passos arrastados e cautelosos. Finalmente ela ouve uma respiração ofegante e a porta é arranhada como se fôra pelas unhas de um cão. Dentro da cabana a pobre mãe levanta-se assustada e, de dentro de uma gaveta, retira um velho revólver.

A porta começa, aos poucos, a abrir-se e surge, no seu limiar, a figura grotesca e horripilante do louco. Os cabelos desalinhados caindo sôbre a testa, a barba grande cobrindo quasi todo o rosto, os olhos esbugalhados como se quizessem saltar das órbitas, assim estava Jorge, muito diferente daquele Jorge de outrora. Mas para sua mãe, estava alí apenas o seu filho único que regressava ao seu seio, embora com as mãos manchadas de sangue E a velhinha, com a voz entrecortada pelos soluços, apenas balbuciou:

—Meu filho! Voltaste, filho querido. Vem, deixa que te acaricie o rosto. Vem, Jorge, beija tua mãe.

Mas o louco, olhando-a com uma expressão feroz, estende as mãos para a garganta de sua mãe e, lentamente, avança.

Lá fora, os policiais apertam o cêrco em tôrno da cabana. Subitamente, ouve-se um disparo.

—Morreu - diz um dos guardas.

Mas os policiais estavam longe de imaginar o comovente drama que se desenrolara no interior daquela humilde casinha.

A velha mãe, ao ver seu filho querendo matá-la, disparara a arma contra sua própria cabeça, evitando que aquele pobre enfermo manchasse suas mãos com o sangue materno.

E os guardas ao penetrarem apressadamente na sala, pararam comovidos ante a cena que se desenrolava aos seus olhos.

Ajoelhado sôbre o cadáver de sua mãe, o louco, como se tivésse tido naquele momento um instante de razão, gritava desesperadamente:

—Mamãe... Mamãe...

E cobriu suas faces de beijos e de lágrimas.

"JANGO, O VAQUEANO"

Sgto. Jaes B. Oliveira

Embora seja uma zona em que o tranzito de comunicações rodoviárias torna-se quase necessária, entre o município de Lavras e as cidades circunvizinhas, o Camaquã é um lugar pouco conhecido. É um pedaço de terra fértil, as plantações mais necessitadas de umidade, pois que, em quase toda a sua extensão se expande extensos banhadais que torna-se muitas vezes traiçoeiro ao viandante desconhecido.

Nesse lugar que por sinal no século passado era quase deserto, morava num rancho a pau-à-pique, à entrada de uma picada um casal de velhos caboclos. Caçador-lenhador, o gaúcho era de um porte hercúleo, espirito vivaz, embora sua branca cabeleira acusasse sua avançada idade.

Ao lado do velho casal se via um pedaço de gente moreno e magricela. Era Jango, filho do casal, que num infortunado dia de seus pais aparecera como a cobrar-lhe uma hora de prazer.

Criado naquela vida rústica e pobre de caboclo gaúcho, Jango já havia completado seus 18 anos sem conhecer outras pessoas senão seu pai, já velho e alquebrado, e sua mãe que há muito falecera. Era então um guapo rapaz, com cabelos negros que estendiam-se até os ombros e pele tostada pelo sol de Janeiro. Em seus olhos se via relampejar a inteligencia rústica do caboclo-campeiro.

De ouvido tão limpo, quanto olfato atilado, presenciava a caça a muitas braças de distancia. Apaixonado pela caça, pois dela é que vinha o alimento para si e seu velho pai, percorria lugares que a êle mesmo metia receio.

Êle, moço e robusto arcava com as responsabilidades de um filho reconhecido.

Com rústica viola por êle mesmo construida, tocava e cantava em noites de descanço, toscanas modinhas, fruto de sua isolada imaginação. E tão bem sabia florear a prima quanto manejar o seu facão. Levando esta vida de aventuras, repleta de sobressaltos, enfrentando os perigos da terra e as intempéries da atmosfera, Jango tornara-se um gaúcho valente e perfeito conhecedor da terra em que habitava.

Com seus 25 anos de idade era então um vaqueano de mão cheia.

Vaqueano é o homem que conhece o local por onde anda como a palma de sua mão. Pode o céu estar sem estrelas e a noite mergulhada na mais intensa escuridão que o vaqueano não erra o rumo e é até capaz de cruzar pela trilha estreita que atravessa o banhado atoladiço. Ele possue uma memória excelente, um olhar prodigioso e um olfato de cão perdigueiro.

O vaqueano vive a percorrer campanhas, escalar serras e transpor lamaçais, e é orientando os viajantes e ensinando as estradas e os atalhos que êle ganha o pão para a sua subsistencia.

Em síntese, o vaqueano é o gaúcho prático em viajar por terra e que serve de guia, por ser perfeito conhecedor dos caminhos.

Jango era um gaúcho deste tipo. Transpunha os banhadais do Camaquã com a mesma simplicidade com que escalava os píncaros da Coxilha Grande. Como um gaúcho empertigado e matreiro, Jango contava seus 28 anos quando teve na vida sua primeira grande surpresa.

Corria o ano de 1880.

Ao longe, no topo da coxilha, como se nascesse do horizonte, surgiu de repente um grupo de pessoas estranhas. Eram três homens e duas mulheres. Uma loura, linda e jovem; a outra castanha, não menos linda e também jovem.

Jango viu os estranhos e procurou esconder-se na orla da mata. E ali ficou em profundo silencio, vendo os cavaleiros se aproximarem. Passaram por êle bem próximo e não o viram. Ele, porém, a todos os viu... e o misterio impenetrável que a própria natureza se incumbe de perpetuar, flamejou sua alma isolada. Jango, o solitário, sentiu-se de repente preso pelas correntes invisiveis do afeto. O amor, misterio que nunca siquer ouvira falar, sentiu êle próprio repentina e apaixonadamente. A loira menina era-lhe um áureo da vida, impregnado das mais belas espectativas. Era a deusa da adoração que inopinadamente ocupara o trono de seu coração. O valente gaúcho tremeu... um suor estranho percorreu-lhe o corpo e agarrou-se ao tronco de uma árvore para não cair... Súbito sorriu... e partiu correndo pela mata indo estacar-se além onde o tranzito fazia uma curva. Olhou os cavaleiros... haviam ficado muito atraz».

Quedou-se no meio do caminho e esperou que os estranhos se aproximassem quando então disse:

—Eu sou Jango.

Os cavaleiros entreolharam-se, um deles era idoso, os outros jovens e robustos.

—Eu sou Manuel—disse o senhor—e ando atraz de um vaqueano.

—Eu conheço esta terra. Posso guiar.

– Então vem conosco — e Jango sem mais explicações prontificou-se a guiá-los na caminhada misteriosa. - Leva-nos àquela serra, Jango. - Disse-lhes Manuel.

– É perigoso - alertou o rapaz, mas, os estranhos não fizeram caso de seu aviso... e Jango hipinotizado pelo amor que repentinamente em si despertara submeteu-se a guiá-los.

Quem eram esses estranhos personagens que tão decididos estavam em chegar até aos cumes misteriosos da Coxilha Grande?

Manuel, o senhor idoso, era um abastado fazendeiro do norte do Estado, pai das duas graciosas meninas que atendiam pelos nomes de Maria, a loura; e Celia, a castanha. Os outros dois um era seu capataz Vicente e o outro um citadino embusteiro e aproveitador.

Qual a razão que os levava a empreenderem tão perigosa jornada atravez dos pampas e das matas?

A ambição talvez, ou a loucura. Tudo era baseado num sonho: o fraco do latino-americano.

Manuel, o idoso cavaleiro, quando em sua vasta estancia se encontrava, havia tido um sonho estranho E nesse sonho um jovem guerreiro lhe dizia que no Sangrador das Jararacas, numa garganta da Coxilha Grande, atraz de uma Rocha de Granito um fabuloso tezouro se encontrava E o guerreiro ensinava como devia chegar até lá .. Um dos indicios era um velho caboclo que morava à entrada de uma picada, no centro de Camaquã Este sonho perturbou o abastado fazendeiro por vários dias, quando então em um deles relatou à sua familia a sua misteriosa viagem atravez do mundo subconciente. Justamente nesse dia encontrava-se na fazenda o jovem Reinaldo que há tempo procurava conquistar a loura Maria. Ambicioso como era, Reinaldo procurou aproveitar-se daquele incidente para tentar a sorte... e um belo dia a pequena caravana seguiu rumo ao Camaquã E ali estavam êles a promiscuir-se o receio e a ânsia em sua misera alma de ambiciosa.

Jango encaminhou se para o rancho onde encontrava se o velho caboclo. Pediu a benção de seu pai e saiu.

—Jango onde vais? - inquiriu o velho.

—Guiar os estranhos, papai.

—Algo me diz que não deves ir.

—Pai, eu sinto não sei o que aquí—e o ingênuo moço pôs a mão sôbre o coração—que me impele para junto deles.

—Pobre filho! Onde querem êles ir?

—Em cima da Serra.

—Filho, procura saber o que querem.

Jango saiu voltando daí a instantes.

—Negam-se

—Miseraveis! Guiá-os Jango, e verás o fim que terão Eles querem ir ao Sangrador... Eu era criança ainda quando homens como estes forçaram meu pai a levá-los lá Papai voltou... êles nunca São 15 dias de viajem, para um vaqueano como tú. Viaja hoje, quando à noitinha encontrarás à entrada do grande banhado uma canela gigantesca Aí repousa No outro dia... = e o velho enumerou vários incidentes que Jango haveria de observa-los religiosamente, e terminou assim: = Sim. Jango, guia os estranhos; acompanha-os em suas aventuras.. mas, salva, salva de todo o perigo aquela a quem amas!...

—Amas!!!???

—Sim filho ingênuo. Pela primeira vez estás compreendendo o amor

* * *

A caravana partiu silenciosa e calma

Jango ia à frente ensinando o caminho, fazendo voltas e rodeios, desviando os buracos traiçoeiros. Como seu pai havia dito, ao entardecer chegaram à gigantesca canela.

Alí pernoitaram.. E ao cair do orvalho Jango soltava aos ares o seu canto pitoresco, e seus dedos modulavam ritmos compassados floreando o ré e a prima.

No outro dia quando o sabiá soltava seu primeiro canto, Jango levantou se e trepou na árvore. Olhou ao longe, para o nascente, la no horizonte uma mancha azulada começava, paulatinamente, a se levantar Aquém um pouco, uma mancha preta sôbressaia-se aos primeiros clarões do dia Jango desceu da árvore e começou a acordar o pessoal.

— Partamos disse—êle — Temos que atravessar o banhado antes do temporal

Todos olharam para o céu. Estava lindo e calmo... e o rozado da alvorada formava estranha fantazia.

Reinaldo quiz contestar, porém, Jango falou com dureza e obrigou o a calar-se. Quando o sol despontava a pequena caravana já se encontrava em caminho.

O banhado era atoladiço e perigoso, que sómente um vaqueano poderia transpô lo e assim mesmo com cuidado para não cair numa poça camuflada. Jango ia à frente; após êle seguia Manuel, Reinaldo, as duas jovens e por último Vicente.

Quando o sol se encontrava em sua culminante altura, Manuel disse:

—Paremos para almoçar.

—Não há tempo; olhem!—disse Jango.

Lá do nascente erguiam-se grossas e volumosas nuvens que rolavam como ondas gigantescas. Um vento frio começava a soprar... e os primeiros pingos, graúdos como grão de ervilha, já caiam. O vento aumentava... a chuva tornava-se cada vez mais forte. Tenebrosos trovões estremeciam a terra... relâmpagos ofuscantes cortavam os ares. O dia tornava-se turvo... e o vento chamuscava o rosto dos caravaneiros. O prosseguimento da jornada tornava-se quase impossivel de ser realizado, entretanto, era mister atravessar o banhado antes da enchente. E a caravana seguia. Uma rajada de vento... outra ainda mais forte... mais outra ainda... Os cavalos se assustaram e quizeram sair em debanda... Deram alguns passos e... sumiram-se em colossal buraco... e com êles Maria.

Celia fora atirada ao longe com o sopro do vento.

= Calma! — ouviu-se uma voz que bradava a todo o pulmão.

Era Jango que rapido e vaqueano atou o laço à cintura e atirou-se ao lamaçal.. e sumiu-se na água suja e traiçoeira. Vicente, segurando a outra ponta do laço, contou até dez e começou a puxa-lo. Ao assobiar do vento e ao bater da chuva encontravam-se os caravaneiros em verdadeiro suspense.

Aflorou à superficie um braço humano

Manuel respirava com dificuldade. Vicente continuava puxando o laço... e completamente irreconheciveis, recebendo em cheio o ofuscante vento, os dois foram retirados do lamaçal. O vento e a chuva fria lavaram o rosto dos dois. Maria estava desmaiada... Jango ligeiramente abalado.

O temporal continuava assustador e forte. A caravana prosseguia. Com cuidado agora todos a pé, agarrados uns aos outros, formando uma corda humana puderam sem mais perigo enfrentar o tempo hostil.

Já havia anoitecido! As nuvens se espalhavam e iam misteriosamente se sumindo deixando aparecer as estrelas fusque-fusque, quando aquele grupo de audazes acabava por transpor o perigoso e grande banhado... E ao relento, com a roupa toda encharcada e o corpo a tremer de frio e fome cairam exaustos na relva molhada

O sol já ia alto quando acordaram no outro dia.

E novamente prosseguiram sua jornada, enfrentando as coxilhas desertas Por cinco dias andaram debaixo do sol amarelo sofrendo o sopro do minuano. Dormindo ao relento, às frígidas geadas Agosto bem mostrava sua especialidade. Eis que chegaram ao ponto negro Era um bosque emaranhado e perigoso. Nele se embrenharam enfrentando a jaguatirica e demais féras. Armou-se o tempo... e uma chuva fria e calma caía teimosamente.

Já estavam no oitavo dia de jornada quando chegaram ao pé da Coxilha. Sua encosta era coberta por densa mata, e em alguns claros, gigantescas pedras pareciam suspensas no espaço.

Repousaram.

Em claro dia prosseguiram sua jornada. Jango mais amando Maria e Reinaldo mais ancioso por riqueza.

Foi na subida da serra que Jango compreendeu o que sentia. Maria firmou-se em seu braço, cançada... e o rústico vaqueano sentiu roçar em seu rosto o louro cabelo da moça...

— Maria! — disse êle num sussurro.

— Amo-te! — falou ela ao seu ouvido.

No decimo quarto dia chegaram ao cume da Coxilha Grande

— Olhem! — bradou Vicente

Lá em baixo, o misterioso Sangrador das Jararacas aparecia como um abismo sombrio e triste. Poucas braças adiante descambava a perigosa Rocha de Granito. Estavam exaustos da subida. Jango aconselhou descançar. Reinaldo, porém, numa teimosia grotesca tentou a perigosa descida. Entusiasmaram-se os demais.. e como verdadeiros macacos-trepadores empreenderam a dificil jornada. Sumiu-se o sol... Uma serpente lá em baixo deu um silvo estridente O céu bordava-se de estrelas . e alta já ia a noite quando exaustos e sem forças os loucos caravaneiros chegaram ao pé da perigosa Rocha. Estendidos no chão, qual trapos humanos, alí permaneceram por horas incontaveis. Foram acordados de súbito por um grito lamentoso e triste. Manuel, estirado no chão, retorcia-se de dôr. Alguem acendeu um facho... e a pálida luz iluminou a tétrica caverna... Com um grito estridente Célia caiu desmaiada Um gemido de surpresa de todos os peitos brotou. No braço de Manuel se via claramente o sinal das prêsas. O vaqueano correu para socorre-lo... mas, ao tocar no corpo do ancião, notou o quanto chegara tarde. Embora com o corpo quente, Manuel estava rígido como granito... bôca aberta e olhos vidrados.

A morte fôra instantanea.

Por momentos trucitantes permaneceram mudos e lívidos ante a terrivel realidade. Jango olhava com ternura para aquela gente ambiciosa até à loucura. Vicente permanecia fleugmático, embora seu cérebro dançasse em pensamentos mil. Reinaldo desconhecia o perigo ante a ventura de sua riqueza.

— Avante! — disse êle -- Estamos no Sangrador das Jararacas!

Ninguem falou. Sua voz perdeu-se na escuridão da terrivel caverna.

O vaqueano permaneceu imovel com o morto aos seus pés. Um silêncio terrivel reinava na misteriosa caverna, quando, súbito um rumor estranho que parecia vir do centro da terra, abalou a superficie. Pequenas pedras como um prenuncio de morte cairam do této. Novo silêncio reinou na caverna. Um silvo agudo fez Jango estremecer. O valente gaúcho sorrindo enfrentava o inimigo comum, mas, o adversario verdadeiro era o misterio da natureza e se escondia na escuridão, se fazendo anunciar terrivel e sepulcral.

Novo rumor estremeceu a terra! Desta vez Jango cambaleou e caiu. Uma rizada alegre e transtornada irrompeu o silêncio.

— Achei! Achei!—bradava Reinaldo—É meu!... O Tesouro da Coxilha Grande!

O vaqueano olhou. Reflexos de pedras preciosas iluminavam a escura caverna. Um enorme tesouro alí se encontrava à mercê do HOMEM. A cobiça vencera a realidade Luzidios rubis vermelhos de vergonha... esmeraldas verdes como a anunciar a esperança... diamantes brilhavam como a desafiar o poder da cobiça. Doiam-lhe os olhos ao ver tão fabuloso tesouro, e por momentos assim ficou naquele sonho de loucura quando terceiro rumor trouxe-lhe a realidade. A raiva da natureza se fazia anunciar, pela profanação de seus segredos.

— Foge! — bradou o vaqueano — A morte nos espreita... — e como um louco correu à procura de sua amada... E na escuridão só viu a morte e o misterio.

Uma dôr aguda transpassou-lhe o coração, e lucida a mente ficou ao recordar a frase de seu velho pai: «Meu pai voltou... êles nunca!»

Soltou gemidos o bravo gaúcho, e bufou com uma raiva selvagem e desafiadora Olhou para traz: No meio da fabulosa riqueza um rosto diabolico se ria às gargalhadas... e aos reflexos do tesouro tomava fórmas fantásticas e misteriosas. Reinaldo enlouquecera em face da verdade.

O vaqueano correu à procura da saida. Lá fóra o sol se anunciava com rosado claro e alegre. Nuvens brancas como algodão se cruzavam perdidas no firmamento azul...

Jango correu . correu como um doido, fugindo da realidade. Já longe estava .. à orla de um bosque na entrada da garganta, quando olhou para traz.

Gigantesca e poderosa se erguia a Rocha de Granito!

Misterioso e terrivel zombava o Sangrador!

Chorou o bravo gaúcho... Ria do perigo, mas, chorava por sua amada: Maria! E murmurava fóra de si: —«Maria! Maria! — e novamente lhe vinha à mente a voz de seu progenitor: Guia-os Jango... e verás o fim que terão... Papai voltou... êles nunca!... Guia-os Jango!... mas, salva de todo o perigo aquela a quem amas!...—e continuava naquele sofrimento de angustia: Maria! Porque te foste!??»

— Aqui estou! — disse uma voz mimosa e tão gentil — Jango, meu amôr... sou tua!...

Como que avisados por algo desconhecido, as duas irmãs e o capataz haviam saído ao ouvir o primeiro rumor misterioso.

Jango virou-se com os olhos razos d'agua. Seria realidade ou ilusão? Alí estava Maria, seu doce sonho de amôr Não disse nada Sua voz morreu na garganta... e como um louco apaixonado, envolveu-a num carinhoso amplexo.

— Mais vale a luz de teus olhos que os tesouros do mundo .

Mal acabara de pronunciar estas palavras, quando um último e terrivel estrondo abalou a terra. Todos olharam e com assombro viram a enorme Rocha de Granito dar seu último e tétrico gemido... e como um gigante tombado em campo de batalha, caiu fragorosamente, entulhando o misterioso Sangrador das Jararacas.

E para sempre envolto em misterios até hoje permanece o TESOURO DA COXILHA GRANDE.

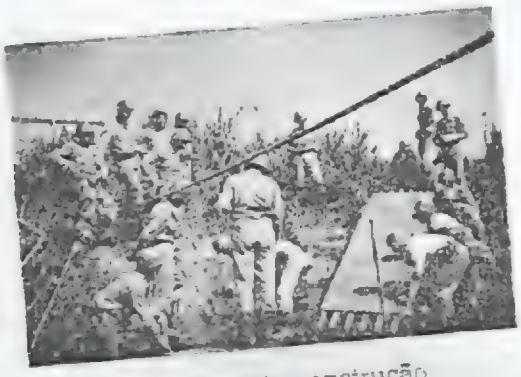
A PONTE "GILDA"

Batizada com êste nome um tanto humorístico, esta ponte serviu à população tricordiana por três meses.

Infelizmente, por motivos técnicos, foi o Sr. Comandante da E. S. A. obrigado a ordenar sua desmontagem.

Ponte "Gilda"

Esta ponte representa uma insignificante colaboração da Escola de Sargentos das Armas à cidade quando se fez a demolição da que anteriormente servia à população na travessia do Rio Verde. Necessario se fe que no lugar daquela se cons truisse uma outra e essa nã foi idealizada por outra pesso senão pelo incansavel Prefeit da Cidade Sr. Odilon Resend Andrade.



Uma fase da construção

Quanto a sua construção lá se encontravam o 1.º Ten. Amadeu C. Caminha com seus Sargentos monitores e Alunos dando uma demonstração eficaz ao povo tricordiano de uma das possibilidades de que é capaz a Arma de Engenharia, tanto na Paz como na Guerra.

Depois de inaugurada e entregue ao publi

ILUSTRES VISITANTES

Um caso raro para a cidade de Três Corações e de orgulho para nós, foi a visita do Exmo. Sr. Ministro da Guerra, General Canrobert Pereira da Costa e do Exmo. Sr. General Mario Travassos, Diretor de Ensino do Exército, em 18-IX-1950. Formou em plena Cidade, com seu efetivo completo para a revista regulamentar, a tradicional E.S.A.. Após a referida revista, Ss. Excias., que se faziam acompanhar do DD. Prefeito local e do Sr. Cel. Cmt. da E. S. A., estacionaram no palanque em plena praça pública, assistindo ao destile que foi executado com garbo, entusiasmo e disciplina, que mais tarde se evidenciaram com elogios sinceros de S. Excia. Ministro da Guerra.

Após o desfile recolhe-se a tropa ao Quartel...

... garbo que tão bem impressionou os

O Esporte, Fator de Confraternisação

Antes da partida os atletas cantam o Hino Nacional

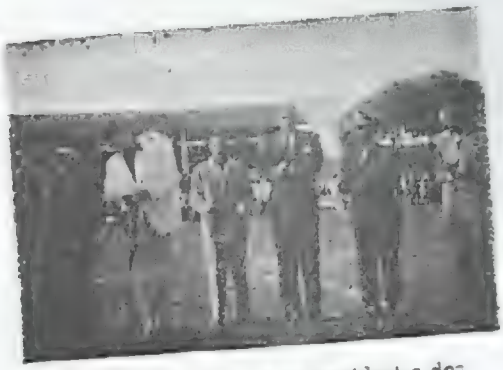
Prosseguindo nos festejos de 7 de Setembro realizou-se à tarde desse dia, no Estádio da E. S. A. uma interessante disputa futebolística entre o Esporte Clube Taubaté, da cidade do mesmo nome, um dos melhores conjuntos do interior paulista e o Selecionado da Liga Esportiva Tricordiana, na qual tomaram parte vários alunos e sargentos da Escola.

Com a presença do Senhor Cel. Miguel Lage Sayão, Cmte. da E. S. A., oficiais e autoridades civis, hasteou-se a Bandeira Nacional e em seguida, acompanhado por uma banda de música foi cantado o Hino Nacional pelos conjuntos disputantes.

O Chute inicial foi dado pelo Sr. Cel. Cmt. da E. S. A.

O Cel. Lage Sayão dando o chute inicial da partida.

O Jôgo em tôda a sua fase desenrolou-se na máxima harmonia. Não foi nossa seleção muito feliz, pois, enfrentando um conjunto mais homogêneo e de apreciável técnica, foi abatida pelo escore de quatro a um, apesar dos esforços dispendidos por todos os jogadores que defendiam as cores tricordianas.



No centro do campo os presidentes dos dois quadros trocam flâmulas

Assim, com estes pequenos detalhes, tentamos dizer como foi a tarde esportiva, encerrando com chave de ouro os festejos em homenagem à data mágna do Brasil, 7 de Setembro.

O ANO ESPORTIVO

CAMPEONATO DE JOGOS

TAÇA C. A. E. R.

FUTEBOL:

Cavalaria	3	X	Artilharia	3
Artilharia	3	X	Engenharia	2
Infantaria	2	X	Artilharia	1
Cavalaria	6	X	Engenharia	0
Infantaria	2	X	Engenharia	0
Cavalaria	3	X	Infantaria	1

Campeã invicta: Cavalaria

Equipe campeã: Egdoberto - Carvalho Nunes - Freire - Ary Rocha - Moura - Tuiuti - Enyr - Costa Porto - Cipriani - Tavares - Goulart - Dabull - Péres - Fernando Freire - Mota e Dantas.

Sagrou-se vice-campeã de Futebol a Infantaria

VOLEIBOL

Cavalaria	2	X	Artilharia	1
Artilharia	2	X	Engenharia	0
Artilharia	2	X	Infantaria	1
Cavalaria	2	X	Engenharia	0
Infantaria	2	X	Engenharia	0
Cavalaria	2	X	Infantaria	0

Campeã invicta: Cavalaria

Equipe campeã: Dantas - Magalhães - Freire - Lage - Malaquias - Costa Porto - Prunner e Ferraz.

2.o lugar:- Artilharia.

BASQUETEBOL

Cavalaria	25	X	Artilharia	21
Artilharia	39	X	Engenharia	12
Artilharia	12	X	Infantaria	11
Cavalaria	41	X	Engenharia	22
Engenharia	25	X	Infantaria	18
Cavalaria	26	X	Infantaria	14

Campeã invicta: Cavalaria

Equipe Campeã: Blasi - Malaquias - Ferraz - Vitor - Dantas - Prunner e Pavão.

2.o lugar: Artilharia.

Em consequência, a Cavalaria sagrou-se campeã invicta de jogos, conquistando a Taça C. A. E. R.

A Artilharia foi a vice-campeã de jogos, seguida pela Infantaria e Engenharia respectivamente em 3.o e 4.o lugar.

CAMPEONATO DE ATLETISMO

Taça E. S. A.

Quadro de futebol da Cavalaria, campeão invicto de 1950

Corrida de 100 ms.

1.o lugar - Al. Raimundo Kleber - Engenharia - tempo: 11"4/5 (Record da E. S. A.)

2.o lugar - Al. Aldy Rodrigues - Artilharia.

Corrida de 200 ms.

1.o lugar - Al. Raimundo Kleber - Engenharia - tempo: 25"

2.o lugar - Al. Lyadorno Carvalho - Infantaria.

Corrida de 400 ms.

1.o lugar - Al. Isaac de Moraes - Infantaria - tempo: 57"2/5.

2.o lugar - Al. Edson Vieira - Engenharia.

Corrida de 1.500 ms.

1.o lugar - Al. Irahy Blasi - Cavalaria. - tempo: 4'45"3/5.

2.o lugar - Al. Nilson da Costa - Infantaria

Revezamento de 4x100

1.o lugar - Empate: equipes da Cavalaria e Engenharia - tempo: 1'48"4/5

Equipe da Engenharia Als. Luiz Eduardo, Antonio Q. Dias, Anisio de Oliveira e Raimundo Kleber.

Equipe da Cavalaria: Als. Haroldo Vasconcelos, Malaquias Irineu, Vitor de Oliveira Silva e Valeriano Ramos.

Revezamento de 4x400

1.o lugar: Equipe da Cavalaria - tempo: 3'55".

2.o lugar: Equipe da Engenharia.

Artilharia, vice-campeã de voleibol

Cavalaria: Als. Domingos Pavão, Irahy Blasi, Antonio Biazoli e Francisco Giordini.

Engenharia: Als. Reinaldo Caseca, Valderi Magalhães, Jackson Teixeira e Edson Vieira.

Salto em Altura

1.o lugar: Al. Haroldo V. Pinheiro - Cavalaria - 1m,626 (Record da E. S. A.)
2.o lugar: Al. Malaquias Irineu - Cavalaria.

Salto em Distância

1.o lugar: Al. Darcy Barbosa Gonçalves - Artilharia - 5m85.
2.o lugar: Al. Gentil Fortes - Infantaria.

Arremesso de Dardo

1.o lugar: Al. Hermenegildo Leão - Artilharia 36m,13.
2.o lugar: Al. Hipólito Cava - Infantaria.

Arremesso de Peso

1.o lugar: Al. Edy Pachaly - Artilharia - 9m,64.
2.o lugar: Al. Elmo Serafini - Cavalaria

Lançamento de Granada

1.o lugar: Al. João Leite Sabino - Infantaria - 60m,30.
2.o lugar: Al. Hilton Machado - Artilharia.

Quadro de futebol da Engenharia

Equipe de voleibol da Infantaria e reservas

Corrida de 3.000 ms.

1.o lugar: Al. Ayrton Antunes - Artilharia.
2.o lugar: Al. Irahy Blasi - Cavalaria.

Por equipe: 1.o lugar: Engenharia.
2.o lugar: Infantaria.

Somando-se os pontos obtidos pelos diferentes atletas, coube à Engenharia a supremacia do Torneio de Atletismo, a qual, assim, conquistou a Taça E. S. A.

Foi o seguinte o resultado geral do Torneio de Atletismo:

1.o lugar—Engenharia	—	107	pontos
2.o lugar—Cavalaria	—	105,5	pontos
3.o lugar—Infantaria	—	97,5	pontos
4.o lugar—Artilharia	—	82	pontos

Resultado Geral do Campeonato Olímpico de 1950:

1.o lugar — Cavalaria, com 8 pontos
Vencedora do "Bronze Duque de Caxias"

2.o lugar — Engenharia, com 6 pontos
3.o lugar — Artilharia e Infantaria, com 4 pontos

BOLERO BAR
Irmãos Cezarino

O ponto atraente da cidade, com Bebidas finas, Doces, Leite gelado ou quente, Chocolates, Bombons, etc.

Serve melhor e com presteza absoluta.

BOLERO BAR
Praça Presidente Antonio Carlos, 26
TRES CORAÇÕES — MINAS

Irmãos Arbex
CASA JULIÃO

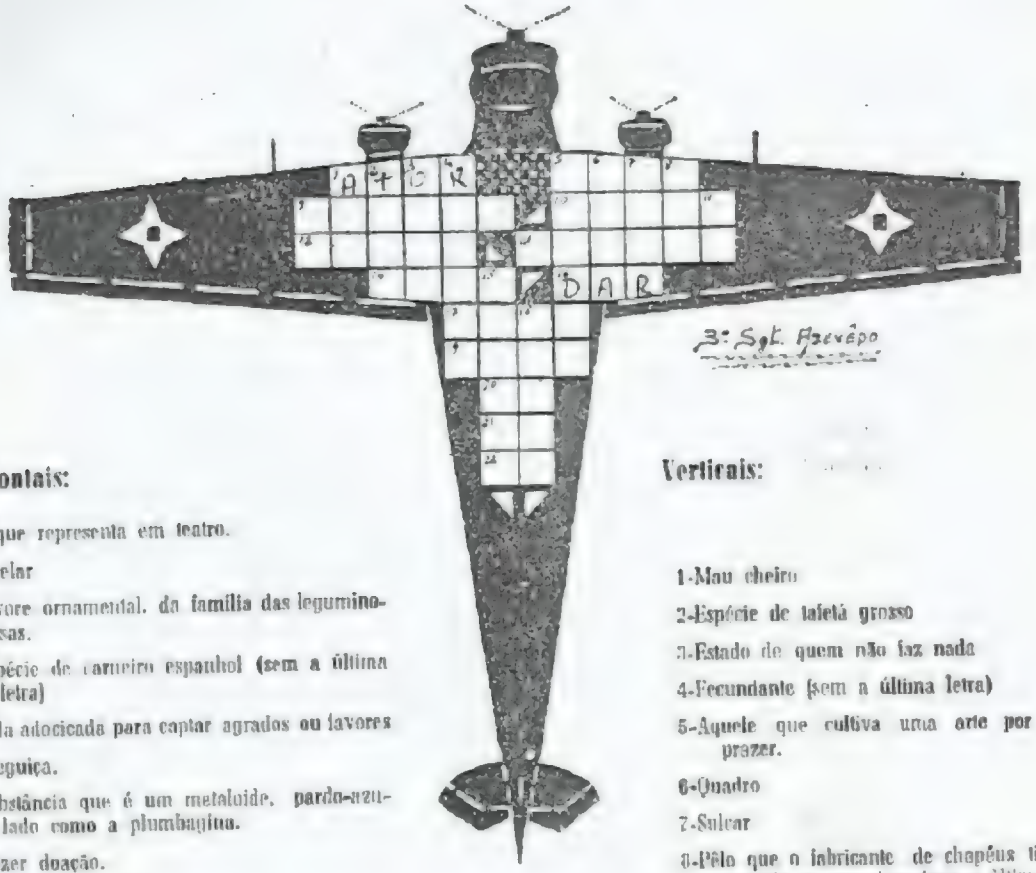
Fazendas, Armarinho, Calçados, Chapeus de Sol e de Cabeça, Secos e Molhados, Ferragens e Generos do Paiz, Sal Mossoró. Vendas por Atacado e Varejo.

R. Desembargador Alberto Luz, 2 - Tel 78
Tres Corações - Sul de Minas

Quebra-Cabeças

PROBLEMA N.º 1

Do Sgto. Fco. Azevedo



Horizontais:

1-O que representa em teatro.

5-Atrelar

9-Árvore ornamental, da família das leguminosas.

10-Espécie de carneiro espanhol (sem a última letra)

12-Fala adocicada para captar agrados ou favores

13-Preguiça.

14-Substância que é um metaloide, pardo-azulado como a plumbagina.

16-Fazer doação.

17-Região dos mortos.

19-Arrastar com o rodo.

20-O mesmo que dis.

21-De (Inglês)

22-Batraquio.

Verticais:

1-Mau cheiro

2-Espécie de taietá grosso

3-Estado de quem não faz nada

4-Fecundante (sem a última letra)

5-Aquele que cultiva uma arte por simples prazer.

6-Quadro

7-Sulcar

8-Pêlo que o fabricante de chapéus tira dêste quando os escarduça (sem a última letra)

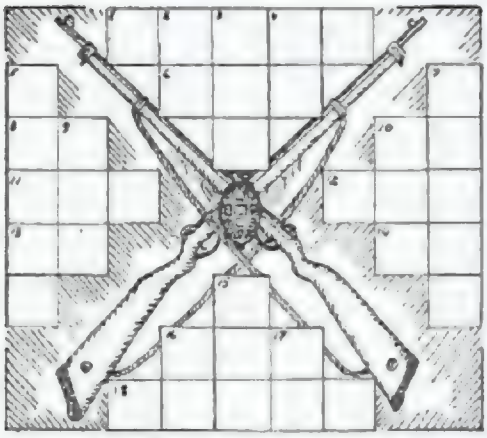
9-Outra cousa

11-Contração.

15-Aquele que é eloquente.

18-Colheita de cereais.

Problema de Palavras Cruzadas



M. Perozzo - Rio

Problema N. 2

Horizontais:

1-Princípio com que se assenta uma discussão pl.
6-Presente do indicativo do verbo soer (ant.)
8-Símbolo do alumínio (em química)
10-Outra coisa; o mais
11-Êste - aquele
12-Folha de palma
13-Mistura gasosa que constitue a atmosfera
14-Prefixo de negação
16-Metade de um batalhão
18-Nome comum a todos os acarinos

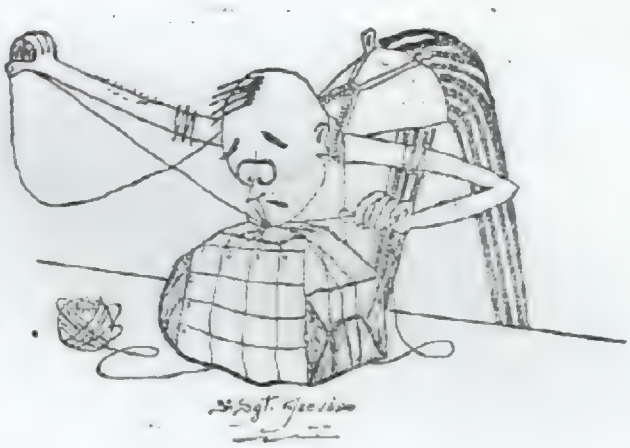
Verticais:

2-Pessôa eximia em qualquer atividade
3-Sofrimento físico ou moral
4-Interjeição (Bras. Nordeste) exprime espanto
5-Festa da natividade de Cristo
7-Cavaleiro armado de lança, em alguns exercitos europeus
9-A família; a pátria (fig.)
10-Adv. - Naquele lugar
15-Pron. pess. fem. da terceira pessoa
17-Clima; aragem

HORIZONTAIS E VERTICAIS

Francisco Azevêdo Cavalcante
3.º Sgt.

Três Corações, 12—5—1950



1 - Ar puro e rarefeito das regiões superiores da atmosfera
2 - Banheira
3 - Vinho considerado como excipiente medicinal
4 - Ruido produzido pela passagem do ar através da mucosidade dos bronquios

7 DE SETEMBRO

A E. S. A. mais uma vez mostrou-se em público. Agora sediada na cidade montanhesa, Três Corações, fez seus preparativos para a parada do dia da Pátria e pela 1.ª vez de sua existência apresentou-se com todo seu material e pessoal.

Mantendo a tradição do 4.º R. C. D., desfilaram as bandeiras históricas do Brasil, conduzidas por um grupo de alunos do Esquadrão de Cavalaria.

Oficiais e Sargentos agraciados com a Medalha de Guerra

A data da nossa Independência foi também homenageada com a participação dos Colégios Primários e Secundários, abrilhantando assim mais êste dia festivo.

O Comando da Escola, acompanhado dos Senhores Prefeito desta cidade, representante do Exmo. Gen. Diretor do Ensino do Exército e outras autoridades civis, militares e eclesiásticas, depois de passarem revista à tropa, assistiram o desfile da Escola que, pela principal rua da cidade, em passos cadenciados e atitude garbosa, recebeu os aplausos das numerosas pessoas ali presentes.

... e a dedicar-me inteiramente ao serviço da Pátria...

O Comandante da E. S. A. condecora o Ten. Cel. Macario e o Cap. Autran

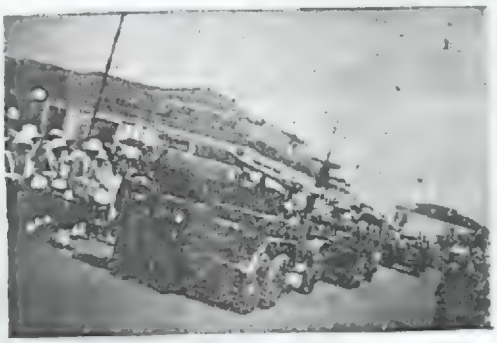
... cuja Honra, Integridade e Instituições, defenderei...

... com o sacrifício da própria vida!

Pela primeira vez desfilaram em Três Corações...

numa só parada...

tropas de Infantaria...



de Engenharia...

e de Artilharia Motorizada.

O Comandante do Corpo de Alunos diante do palanque

O impecável Esquadrão de Cavalaria, continuador das glórias e tradições do extinto 4.º R. C. D., fez vibrar a massa popular

A seção de Artilharia Montada 75 desfilou pecando pela correção

O Contingente da E. S. A. encerrou o desfile...

e seu Pelotão de Polícia desfilou admiravelmente

Promoção a Cabo

• • •

Um grupo de Oficiais presentes á cerimonia →

← O Comandante da E. S. A. congratula-se com os novos Cabos dirigindo-lhes vibrantes palavras de incentivo.

Os instrutores—chefes das Armas fazem a entrega das divisas de Cabo aos primeiros alunos →

Data festiva para o Corpo de Alunos, pois esta simples formatura muito nos alegrou, foi nossa primeira promoção na Escola de Sargentos das Armas. Logramos sair vencedores nesta primeira etapa, a mais espinhosa do Curso.

Em frente ao Pavilhão Principal desta altaneira Escola encontravam-se formados os oficiais, sargentos e noutro grupamento, os alunos das diversas Armas que seriam promovidos.

Após a leitura do Boletim Alusivo, foram chamados os primeiros alunos de cada Arma: Edson Vieira, da Engenharia; Telmo Paahl, da Infantaria; Egdoberto Romualdo da Silva, da Cavalaria e Edinardo Gurgel de Oliveira, da Artilharia.

Outro aspecto da solenidade

Após a colocação das divisas nos alunos, falou o Sr. Cel. Cmt. Miguel Lage Saião, frisando a importância desta nossa promoção e a necessidade de estudar com mais afinco para sairmos vitoriosos no Curso, porque a primeira etapa estava vencida mas que as futuras tambem seriam dificeis.

Logo depois o Corpo de Alunos desfilou em continência ao seu Comandante.

Eis o que foi, em poucas palavras, a Formatura de Promoção a Cabo da Turma de 1950.

Soluções dos Problemas de Palavras Cruzadas

A'S PÁGINAS 45 E 46

Problema n. 1

a) — Horizontais:

1 = Atar
5 = Atar
9 = Acácia
10 = Merino
12 = Lábia
13 = Calnça
14 = Iodo
16 = Dac
17 = Oreo
19 = Raer
20 = Di
21 = Of
22 = Ra

b) = Verticais:

1 = Aca
2 = Tabi
3 = O cio
4 = Criador
5 = Amator
6 = Tela
7 = Arar
8 = Hiça
9 = Al
11 = Na
15 = Orador
18 = Ceifa

Problema n. 2

a) = Horizontais

1 — Dados
6 — Soi
8 — Al
10 — Al
11 — Tal
12 — Ola
13 — Ar
14 — In
16 — Ala
18 — Acaro

b) = Verticais

2 - As
3 - Dor
4 — Oi
5 — Natal
7 - Ulano
9 — Lar
10 — Ali
15 — Ela
16 — Ac
17 - Ar

Problema n. 3

VERTICAIS E HORIZONTAIS: Eter = Tina = Enol = Ra

Promoção a Sargento

Finda a primeira fase do 2.º período de instrução, os alunos aprovados são promovidos à graduação de 3.º sargento.

Esta é a segunda promoção durante o curso e sempre foi por todos ansiosamente esperada.

Porem não termina aí o esfôrço do Aluno. Uma vez promovido, cai-lhe sôbre os ombros uma parcela maior de responsabilidade, aumentam as suas preocupações e a instrução se intensifica, buscando o objetivo principal do curso: o Aperfeiçoamento do sargento recem-formado.

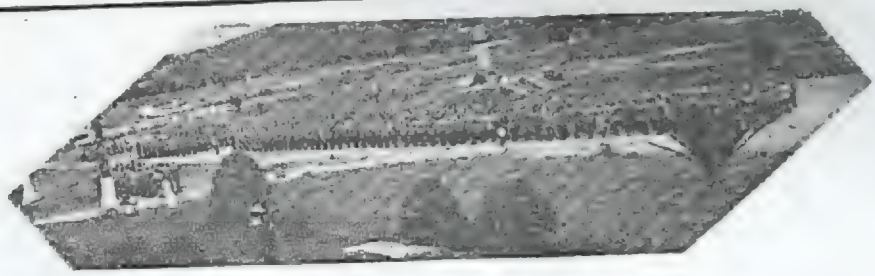
Mas esta promoção, embora não constitua a meta final para o Aluno, tem, para êle, uma significação extraordinária.

Trata-se de mais uma etapa vencida a preço de dedicação, esfôrço físico e mental, como tambem, significa maiores possibilidades para a vitória final, e... maiores vencimentos tambem.

Assim sendo, é natural que o dia de promoção a Sargento tenha sido, para todos os Alunos, um dia feliz.

Os oficiais da Escola durante a solenidade

Os primeiros alunos das diversas Armas recebendo as sonhadas divisas de Sargento



Vista geral do Corpo de Alunos

O COMERCIO,

PELO 3º. SARGENTO
Altahir Guedes

Essa Alavanca Potente que Sustenta o Mundo,

Desde os primórdios da evolução humana já se fazia sentir a necessidade premente de ser instituido um serviço comercial de âmbito internacional, tendo como finalidade exclusiva a troca de produtos de uma região para a outra.

Foi então que surgiu entre os homens a troca, êste fenômeno histórico ou filosófico desenvolvendo-se consideràvelmente na esfera das atividades comerciais. Uma coisa não era trocada sòmente pelo seu valor mas também pela utilidade que a mesma encerrava. Um objeto que tenha grande valor de uso para uma pessoa pode não ter o mínimo valor de troca para outra. Exemplo: um objeto arcáico e com seu valor bastante depreciado, pode ter grande utilidade para mim, uma vez que o mesmo tenha pertencido a um ente querido, porém, nulo valor de troca a uma pessoa estranha.

O comércio foi tomando maior incremento, tornando-se cada vez mais complexo e, em consequência, foram surgindo novos fenômenos, tais como: a moeda e o crédito. A moeda é um fenômeno que encerra um valor próprio e serve de medida para a circulação de outros valores. Permite a acumulação de riquezas para serem empregadas conscientemente e no momento oportuno. Os assuntos comerciais foram tomando vulto, ultrapassando mesmo as fronteiras que os delimitavam, com o advento do crédito. As operações realizadas a crédito são, como o próprio nome indica, operações de confiança. É inegável e mesmo indispensável sua atuação na economia moderna.

Devemos também fazer uma menção, sucinta na parte que tange os fenômenos fundamentais ou funcionais que marcam o desenvolvimento astronômico do comércio, através dos tempos e que são os seguintes: Produção, Circulação e Consumo. A produção perfeita, isto é, para que corresponda à sua finalidade, é realizada por intermédio de três fatôres: Natureza, Trabalho e Capital. Os elementos encontrados na natureza, no seu estado nativo, são transformados em utilidades adaptáveis às necessidades humanas. O esfôrço, o desprendimento de energias físicas, associados à inteligência do homem, metamorfoseando a matéria prima em utilidades — é o que denominamos trabalho. O capital representa riquezas já produzidas, tendo como fim colimado a produção de novas riquezas. Sem êste fatôr não se poderia formar outra indústria, a não ser a agrícola.

A circulação compreende a movimentação, o transporte nos centros de produção e dêstes para os atacadistas, varejistas e finalmente se escoam pelos de consumo, onde as riquezas são empregadas de acôrdo com a sua finalidade.

O consumo representa o último dos canais econômicos pelo qual as riquezas são absorvidas.

Tôdas as nações em que o comércio tenha tomado grande surto, terão indubitàvelmente sua situação econômica assegurada na órbita dos interêsses comerciais.

UM HERÓI DE ANTANHO

Escreveu o 2.º Sgto.
Manoel Lino Xavier

O nosso Exército conta, desde o início de sua existência, com um número não pequeno de heróis que, no campo da luta, derramaram o seu sangue em defesa do Brasil. Homens dotados de uma fibra invejável, de um sentimento grandioso e nobre por todos nós conhecido como "amor à Pàtria", êsses bravos souberam dar a vida em holocausto à grandeza de nossa terra, conservando invioláveis as extensas fronteiras dêste Brasil tão grande.

Relembrar os seus nomes, evocar os seus feitos, cantar suas glórias, seria supérfluo neste momento, uma vez que, todos êstes heróis já têm seus nomes gravados, indelèvelmente, nas páginas imortais da nossa História.

Falemos, entretanto, de um dêsses memoráveis antepassados, daquele valente e nobre tenente de Cavalaria que foi **Antonio João da Silva**.

Decorria o ano de 1864, época em que teve início a guerra com o Paraguai. Recebia o Brasil os primeiros insultos lançados pelos "guaranís", com o aprisionamento do vapor "Maquez de Olinda" que navegava sôbre as águas do Rio Paraguai, rumo a Mato Grosso.

Em seguida tivemos a invasão da parte sul daquele estado, por uma forte coluna inimiga a mando do fanático ditador Solano Lopes, déspota cruel, alcunhado de "El Supremo" pelos seus patrícios. Uma fôrça de cinco mil cavaleiros paraguaios foi destacada para dominar Dourados e Nioac, dois pequenos baluartes de defeza das fronteiras, guarnecidos por pequenas fôrças com a missão de vigilância. Na pequena colônia de Dourados encontrava-se o Tenente Antonio João comandando uma diminuta guarnição de apenas quinze homens, que haveriam de fazer frente à inesperada invasão dos paraguaios, em número centenas de vezes superior em efetivo.

Deu-se começo ao combate; a coluna paraguaia avançava tendo apenas a fustigá-la as descargas irrisórias de quinze armas de fogo empunhadas por outros tantos bravos defensores dispostos a vender muito caro cada palmo de terra brasileira pisada pelo inimigo.

Os nossos adversários, entretanto, levavam nítida vantagem no terreno; isto porque naquela época não estávamos absolutamente preparados para receber aquela súbita e injustificada invasão. Faltava-nos material e pessoal e os destacamentos de fronteira não dispunham de efetivo capaz de fazer frente a tão numeroso inimigo.

Cada vez mais aproximavam-se os paraguaios de nossas posições quando o seu comandante, julgando-se vitorioso, mandou uma órdem por um parlamentar intimando Antonio João a render-se. Indignado diante de tamanha afronta, o bravo oficial rasga o documento e limita-se a perguntar ao estupefato parlamentar:

—Trazei órdem do Govêrno Imperial para que eu me renda ou entregue a praça?

—Não - responde-lhe o oficial inimigo - mas trazemos 250 homens para tomá-la à fôrça das armas.

Diante desta resposta o Tenente brasileiro bradou:

—Então, senhor, retirai-vos! Enquato me bater dentro do peito um coração filho da terra em que pisais, só obedeço a ordens de meus chefes e superiores.

E, como resposta à provocação inimiga, teve o heróico Tenente as palavras que o imortalisaram, escritas às pressas durante o combate e enviadas por um mensageiro ao seu Comandante: **Sei que morro, mas o meu sangue e o de meus companheiros, servirá de protesto solene contra a invasão do solo da minha Pátria.**

E êste valente lutou com seus dedicados companheiros até que, varado por uma bala inimiga, sucumbiu honrosamente deixando porém um marco perpétuo em nossa História e, para todos os brasileiros, um exemplo sadio do "Amor Pátrio".

Tres Corações — 1950.

A fascinante história do cavalo

O cavalo não foi sempre o ligeiro e vigoroso animal, que vemos hoje na pista de corridas ou na lavoura. O mais familiar dos animais domésticos teve uma estranha história. Outrora, o cavalo não era maior do que uma raposa. Há poucos milhões de anos vivia em Wyoming e no novo México uma típica criaturinha, semelhante ao cavalo, com cinco dedos de pé, em vez de um simples casco, em cada pé. Esse animal gradualmente se desenvolveu e cresceu até ficar do tamanho d'um cachorro pequeno.

Enquanto isso reduzia-se a quatro o número de seus dedos Depois êsse animal atingiu o tamanho d'um carneiro e os quatro dedos ficaram reduzidos a apenas três. Dêsses três dedos, o do meio era o mais forte e suportava a maior parte do pêso do pequeno animal.

E em seguida, depois de um milhão de anos mais ou menos, encontramos o cavalinho desenvolvido ao tamanho de um poldro de Shetland. Dos três dedos, só o do meio tocava agora o chão. E então se processa nova fase interessante em seu desenvolvimento. Como o cavalo se tornasse mais alto, achava dificuldade em alcançar o capim do chão. Para vencer essa dificuldade, o pescoço e a cabeça começaram a tornar-se mais compridos Como a cabeça crescesse, um largo espaço apareceu entre os dentes da frente e os posteriores. Isto ajudou a tornar ainda mais comprida a cabeça e a bôca. Podeis verificar que êsse espaço é muito conveniente hoje, porque nos facilita colocar o freio na bôca do cavalo.

E assim foi crescendo o cavalo, e tornando mais forte o dedo do meio a expensas de seus outros dedos, até que resultou no moderno cavalo de tração e no cavalo de corrida. Se tiverdes alguma oportunidade, examinai cuidadosamente o pé do cavalo. Vereis que êle caminha sôbre um só dedo. O casco é o dedo médio desenvolvido do pé do cavalo prehistórico Aos lados da perna encontrareis pequenos esporões, chamados machinhos. Esses machinhos são tudo quanto resta dos cinco dedos do cavalo primitivo. São o segundo e o quarto dedos. O primeiro e o quinto desapareceram inteiramente.

Leiteria Três Corações

O maior sortimento de leite, queijos e manteiga pelos menores preços.

Agora tambem com caldo de cana gelado e pipócas.

Leiteria Três Corações

Praça Pres. Antonio Carlos

TRÊS CORAÇÕES — MINAS GERAIS

Bar Dois Irmãos

QUER SABOREAR UM BOM CAFÉ?

Então vá ao ponto mais chique da cidade, onde encontrará excelente serviço de lanche, bebidas nacionais e estrangeiras, bomboniéres, etc.

Praça Presidente Antonio Carlos

TRES CORAÇÕES — MINAS GERAIS

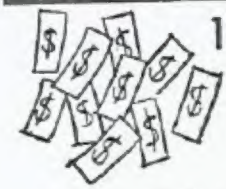
CASA ILIEN *Ilien Neder*

Armazem de Sêcos e Molhados, Cereais, Açucar, Ferragens, Louças em geral, Querosene, Sal Mossoró em Larga Escala. — AGUARDENTE POR ATACADO E A VAREJO. — AÇOUGUE DE SUINOS.

Rua 24 — Endereço Telegrafico: «ILIEN»

TRES CORAÇÕES - Fone 9 - Sul de Minas

Esta é uma grande oferta...



10 PRESTAÇÕES

SEM ENTRADA...

SEM FIADOR...

ENCERADEIRAS ELÉTRICAS — RÁDIOS DE CABECEIRA — RÁDIOS DE PILHA — MÁQUINAS DE COSTURA — RÁDIOS DE AUTOMÓVEL — VENTILADORES.

Relógios de alta classe: Mido — Longines — Birma — Cyma — Classic, etc.

Preencha o coupon marcando dia e hora para nosso vendedor procurá-lo.

Meu nome: .....

Meu endereço: .....

Desejo receber o vendedor no dia ..../..../1949, ás ....hos.

Casa Neno

SÓ VENDE O QUE É BOM!

RUA DO NÚNCIO, 14-B

Filial: Rua Buenos Aires, 151 - 1.º andar Inter-Continental

BAR BALALAIKA

BEBIDAS FINAS — DOCES — CHOCOLATES — BOMBONS

ANOR AMADEU

Praça Presidente Antonio Carlos, 32

Caixa Postal 59 — Telefone 59

TRÊS CORAÇÕES — MINAS

Antes de efetuar suas compras, visite

O MOBILIARIO ELEGANTE

Completo e variado sortimento de Moveis, Tapetes, Espelhos, Passadeiras, etc.

CASA COSS BOCZAR

Roupas feitas em geral, para ambos os sexos — Lenços — Camisas — Calçados — etc.

22 anos de bons serviços à cidade

Avenida Virgilio de Melo Franco, 9 e 19

TRES CORAÇÕES — Fone 106 — MINAS

ESTABELECIMENTO AUAD

Negociante de Fazendas Finas e Grossas, Armarinho, Perfumarias, Calçados, Ferragens, Louças e Generos do Paiz, por atacado e a varejo. Cal, Oleos, Tintas e Vernizes e demais materiais para Construção Vendas exclusivamente a Dinheiro á Vista.

Elias Kalil Auad

Unico Vendedor do Cimento Portland Votoran

1.a Avenida, 38 — Predio Proprio

TRES CORAÇÕES — MINAS

Açougue Mello

Enê Pereira de Mello

Rua Presidente Dutra, 15

TRES CORAÇÕES — MINAS

BAR PARATODOS

Completo sortimento de Bebidas, Doces, Conservas. Especialidade em Chocolate, Café, Leite, Caldo de cana gelado e Pasteis quentes a toda hora, etc., etc.

Prá que discutir com o freguês se êle prefere o Bar Paratodos.

Rua 18 N. 11 — Telefone 113

TRES CORAÇÕES — Sul de Minas

BREVES & PELOSO

Representações, Consignações e Conta Própria

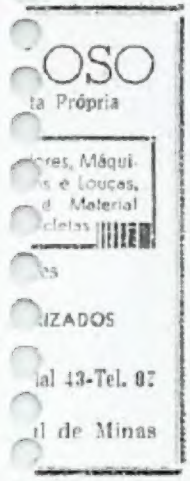
Rádios, Refrigeradores, Máquinas Agrícolas, Ferragens e Louças, Lampadas, Aparelhos e Material Elétrico em geral — Bicicletas

Condições Especiais aos Militares

REVENDEDORES PHILIPS AUTORIZADOS

Av. Virgilio de Melo Franco, 26-Cx. Postal 43-Tel. 87

TRES CORAÇÕES — Sul de Minas



Aos novos alunos

Companheiros!

A vós, herdeiros das instituições desta famosa Escola, legamos a revista "A E. S. A.", cujo 2º. número acabais de ler

Com o entusiasmo, cultura e o devotamento de todos vós esta publicação atingirá o nosso ideal de torná-la a expressão fiel e indiscutível do alto nível a que atingiu a classe dos sargentos em nosso Exército.

Feliz 1951!...